



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

**Representações do *Self*, tipos de
relacionamento amoroso e satisfação com a
relação**

Daniela Filipa José Ramos Squillaro Rodrigues

Orientação: Professora Doutora Isabel Mesquita

Mestrado em Psicologia

Área de especialização: *Psicologia Clínica e da Saúde*

Dissertação

Évora, 2015



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

**Representações do *Self*, tipos de
relacionamento amoroso e satisfação com a
relação**

Daniela Filipa José Ramos Squillaro Rodrigues

Orientação: Professora Doutora Isabel Mesquita

Mestrado em Psicologia

Área de especialização: *Psicologia Clínica e da Saúde*

Dissertação

Évora, 2015

AGRADECIMENTOS

“A verdadeira base da vida está nas relações humanas”

(Henry Moore)

Quero agradecer àqueles que me deram o seu apoio ao longo de todo o processo de elaboração da Dissertação de Mestrado:

À Professora Doutora Isabel Mesquita, pela ajuda, incentivo e atenção prestada;

Aos professores que, ao longo da formação académica, proporcionaram não só importantíssimos conhecimentos teóricos e práticos, mas também a partilha de experiências que fazem o aluno crescer enquanto pessoa e profissional;

A todos os que colaboraram nesta investigação e sem os quais a mesma não teria sido possível;

Um agradecimento especial à família, imprescindível em todo este percurso e sempre presente nos momentos mais difíceis;

Ao Gonzalo, por me fazer acreditar nas minhas capacidades, por todo o apoio e motivação.

RESUMO

“Representações do *Self*, tipos de relacionamento amoroso e satisfação com a relação“

O presente trabalho teve como principal objetivo perceber de que forma os tipos de relacionamento amoroso – *Submisso-Idealizador*, *Eufórico-Idealizante* e *Evitante-Desnarcisante*–, que assentam em necessidades narcísicas, e a representação do *Self* influenciam a satisfação com a relação amorosa.

A amostra do estudo foi constituída por 110 sujeitos de diferentes regiões do país, tendo sido aplicado um protocolo constituído pelos seguintes instrumentos: *Inventário de Tipos de Relacionamento Amoroso*, *Escala de Avaliação da Satisfação em Áreas da Vida Conjugal* e *Procedimento de Avaliação do Self*.

Tendo em consideração os resultados obtidos, conclui-se que a representação positiva do *Self* tem um maior contributo na satisfação com a relação amorosa, comparativamente ao tipo de relacionamento amoroso estabelecido, o que se pode justificar pelo facto de a ligação ao objeto amoroso ter a finalidade de reparar falhas narcísicas há muito sentidas ao nível do *Self*.

Palavras-chave: *Tipos de Relacionamento Amoroso; Falhas Narcísicas; Representação fragilizada do Self; Satisfação com a Relação Amorosa*

Abstract

“Self-representation, types of love relationships and relationship satisfaction”

The present paper aims to realize how the three types of love relationships based on narcissistic needs— *Submissive-Idealizer*, *Euphoric-Idealizing* and *Avoidant-Devalue*—and self-representation influence relationship satisfaction.

The study sample consisted of 110 subjects from different regions of the country and it was administrated a protocol with the following instruments: *Love Relations Type Inventory*, *Marital Life Areas Satisfaction Evaluation Scale* and *The Assessment of Self Descriptions*.

Taking into account the results obtained in the present study, it is concluded that positive self-representation has a greater contribution in satisfaction with the love relationship, compared to the types of love relationships established, which can be explained by the fact that the connection to the love-object is design to repair narcissistic failures previously felt to Self level.

Key-words: *types of love relationships; Narcissistic Gaps; Fragile Self-representation; Relationship Satisfaction.*

ÍNDICE GERAL

Agradecimentos.....	i
Resumo.....	iii
Abstract.....	iv
Índice geral.....	vii
Índice de quadros.....	ix
Introdução.....	1
Parte I – Enquadramento Teórico.....	3
Capítulo I – O Amor.....	5
1. O sentimento de Amor	5
2. Construção do <i>Self</i> e amor objetal.....	7
3. <i>Self</i> e escolha amorosa.....	11
4. Teorias sobre o amor.....	12
Capítulo II – Satisfação com a Relação Amorosa.....	19
1. Definindo relação amorosa e satisfação.....	19
2. Fatores que influenciam a satisfação coma relação amorosa.....	20
Parte II – Estudo Empírico.....	25
Capítulo III – Estudo Empírico.....	27
1. Enquadramento do Estudo, Objetivos e Hipóteses.....	27
2. Metodologia.....	30
2.1. Participantes.....	30
2.2. Instrumentos.....	31
2.2.1. Inventário de Tipos de Relacionamento Amoroso (ITRA).....	32
2.2.2. Escala de Avaliação da Satisfação em Áreas da Vida Conjugal (EASAVIC).....	34
2.2.3. Procedimento de Avaliação do <i>Self</i>	36
Capítulo IV – Apresentação e Análise dos Resultados.....	39

1. Análises preliminares.....	39
2. Estudo das características psicométricas dos instrumentos.....	43
3. Estudo das Hipóteses.....	45
Capítulo V – Discussão dos Resultados.....	53
Capítulo VI – Conclusões.....	59
Referências Bibliográficas.....	61
Anexos.....	69
Anexo I – Caracterização da amostra.....	71
Anexo II – Protocolo de Investigação.....	77

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1

Média dos tipos de relacionamento amoroso existentes na amostra

Quadro 2

Frequência da duração média dos relacionamentos

Quadro 3

Média da satisfação global com a relação amorosa, consoante a duração da relação

Quadro 4

Média da satisfação global com a relação amorosa nos sexos feminino e masculino

Quadro 5

Média da satisfação com a relação amorosa consoante a existência ou não de filhos

Quadro 6

Média da satisfação com a relação amorosa consoante o número de filhos

Quadro 7

Média da satisfação com a relação amorosa segundo a idade dos filhos

Quadro 8

Média da satisfação com a relação amorosa nos sujeitos que têm filhos ainda a viver consigo e nos sujeitos cujos filhos já saíram de casa

Quadro 9

Frequência da representação positiva e negativa do *Self*

Quadro 10

Valores do Coeficiente de alpha de Cronbach dos instrumentos

Quadro 11

Valores do Coeficiente de *alpha de Cronbach* das subescalas do ITRA

Quadro 12

Estatística descritiva do género Feminino com os três tipos de relacionamento amoroso

Quadro 13

Estatística descritiva do género Masculino com os três tipos de relacionamento amoroso

Quadro 14

Correlações entre uma maior duração da relação amorosa e os níveis de satisfação dentro e acima da média da amostra

Quadro 15

Comparação de médias entre os sujeitos que têm filhos a viver em sua casa e os sujeitos cujos filhos já saíram, em termos da satisfação com a relação amorosa

Quadro 16

Correlações entre os três tipos de relacionamento amoroso e a satisfação com a relação

Quadro 17

Correlações entre os três tipos de relacionamento amoroso e uma representação fragilizada do *Self*

Quadro 18

Modelo de regressão linear múltipla – Síntese do modelo

Quadro 19

Modelo de regressão linear múltipla –ANOVA

Quadro 20

Modelo de regressão linear múltipla –Coeficientes

INTRODUÇÃO

A procura de um objeto de amor é considerada uma característica do ser humano (Mesquita, 2013). Desde uma idade muito precoce, a criança realiza movimentos de proximidade relativamente às figuras de cuidado, que visam a satisfação de necessidades básicas, entre as quais as de segurança e de amor (Bowlby, 1985).

Os estudos realizados no âmbito da vinculação apontam para a estreita ligação existente entre a qualidade dos cuidados proporcionados pelas figuras de vinculação à criança e o sentido emergente do *Self* (Ducharme, 2000). De acordo com Damon (1983 cit. por Ducharme, 2000), o *Self* é concetualizado como o construto que permite ao indivíduo reconhecer a sua natureza única e distinta do outro. Para Mesquita (2013), as relações significativas que o sujeito estabelece ao longo da sua vida são fundamentais para o desenvolvimento desta estrutura, sendo que, no entanto, quando existem falhas graves originadas muito precocemente a este nível, todo o desenvolvimento posterior pode ficar condicionado.

Consequentemente, consoante a *vulnerabilidade do Self*, estabelecem-se distintos tipos de relacionamento amoroso, os quais, segundo Mesquita (2013), visam a satisfação das falhas que ocorreram no desenvolvimento do *Self*. A autora descreve três tipos de relacionamento amoroso, com base na teoria das necessidades de objeto do *Self* de Kohut: os indivíduos que apresentam o tipo *submisso-idealizador* têm a sua idealidade dependente da idealização do outro, procurando um objeto gémeo relativamente ao qual se sintam ligados; as relações do tipo *eufórico-idealizante* são marcadas pela falta de profundidade e intimidade, ainda que permitam alguma funcionalidade do *Self*, sustido pelo outro; por último, e em casos de maior gravidade (e.g. em sujeitos com uma classe estrutural psicótica), estabelecem-se relações do tipo *evitante-desnarcisante*, caracterizadas, fundamentalmente, pelo desligamento, desvalorização e evitamento da necessidade do outro.

Acredita-se que as ligações estabelecidas na infância são relativamente estáveis e irão influenciar as relações interpessoais, incluindo as de intimidade, ao longo da vida (e.g. Berlin, Cassidy & Appleyard, 2008 cit. por Martins, 2013). Quando os objetos de amor da infância não conseguem proporcionar as condições necessárias para o desenvolvimento das estruturas mentais reguladoras da autoestima, facilitadoras da autonomia e crescimento emocional, o indivíduo vai procurar, ao longo

da sua vida, ligações que possam desempenhar esse papel (Mesquita, 2013). Contudo, é também reconhecido que tais modelos relacionais podem ser modificados com base noutros relacionamentos significativos (Mikulincer, Florian, Cowan & Cowan, 2002).

Tendo como ponto de partida os anteriores pressupostos teóricos, definiu-se como principal objetivo do estudo perceber de que forma os tipos de relacionamento amoroso e a representação do *Self* influenciam a satisfação com a relação amorosa. O presente trabalho organiza-se em duas grandes partes: uma primeira parte constituída por dois capítulos referentes à revisão de literatura efetuada acerca do tema, e uma segunda parte composta por três capítulos correspondentes ao estudo empírico realizado. Relativamente à revisão de literatura, o primeiro capítulo abordará o Amor, englobando, entre outros aspetos, o nascimento do sentimento de amor, uma abordagem ao conceito de *Self* e à sua relação com o amor objeto na infância e, ainda, a escolha amorosa, sendo também mencionados alguns estudos realizados sobre o amor; o segundo capítulo será referente à conceitualização de satisfação com a relação amorosa, fazendo-se referência a alguns dos fatores que a influenciam. No que se refere à segunda parte – o estudo empírico –, o terceiro capítulo expõe as questões metodológicas com ele relacionadas, isto é, delimitação de objetivos, hipóteses, descrição da amostra e dos instrumentos utilizados – Inventário de Tipos de Relacionamento Amoroso (ITRA; Mesquita, 2012); Escala de Avaliação da Satisfação em Áreas da Vida Conjugal (Narciso & Costa, 1996); Procedimento de Avaliação do *Self* (Blatt, Bers & Schaffer, 1992).

O quarto capítulo compreende a apresentação e análises dos resultados do estudo, na qual se apresenta o estudo das características psicométricas dos instrumentos utilizados, e se expõe os testes de hipóteses realizados e respetivas análises. Finalmente, no quinto e sexto capítulos serão apresentadas, respetivamente, a discussão dos resultados e as conclusões do estudo.

PARTE I
ENQUADRAMENTO TEÓRICO

CAPÍTULO I

O AMOR

1. O sentimento de Amor

Na perspectiva de Freud (1915), o sentimento de amor tinha a sua origem na capacidade do Ego de satisfazer uma parte das suas excitações pulsionais de forma auto-erótica. Este amor seria, assim, originalmente narcísico, alargando-se, posteriormente, aos objetos, incorporados no Ego. A primeira etapa deste processo seria marcada pelo “*incorporar* ou *devorar*”, implicando a supressão da existência do objeto e caracterizando-se, assim, pela ambivalência. Só na etapa da organização genital é que o amor se tornaria oposto ao ódio, sentimento mais primitivo que o amor, na opinião do autor.

De acordo com Melanie Klein (1957), é com base numa relação profunda com o objeto bom que surge a capacidade de amar, podendo, assim, a criança suportar, sem ficar danificada, estados temporários de inveja, ódio e ressentimento, sentimentos estes que surgem mesmo em crianças que recebem cuidados maternos adequados. Deste modo, na perspectiva da autora (1935 cit. por Greenberg & Mitchell, 1983), a primeira organização da experiência afetiva que o bebé realiza, por si denominada *posição esquizo-paranóide*, implica a separação (ou clivagem) dos objetos e dos sentimentos bons dos objetos e sentimentos maus. Sendo os medos da criança de natureza paranóide, esta tenta afastar os perigos dos maus objetos mantendo as suas respetivas imagens separadas e isoladas dos bons objetos. Durante os segundos três meses do primeiro ano de vida, a criança desenvolve, segundo a autora, a capacidade para interiorizar objetos totais, o que origina uma grande mudança na sua vida psíquica; a partir deste momento, através da integração das perceções prévias clivadas da figura materna, a criança começa a perceber que existe apenas uma mãe, detentora de características boas e más. É esta mãe amada que a criança “destrói” mediante fantasias maldosas a um nível inconsciente durante os períodos de ansiedade e frustração, os quais Klein associa especificamente aos sentimentos de frustração originados pelo desmame. Na sequência da suposta “destruição” surge, então, a designada “ansiedade depressiva”, marcada pelo medo relativo ao destino do objeto total que a criança teme ter aniquilado. Invadida por esta ansiedade depressiva

e pela culpa, a criança tenta “reparar” a mãe “através de fantasias inconscientes e comportamentos reparadores” (p. 159).

Na teoria de Balint (1968) e nas suas tentativas de fornecer explicações alternativas às do modelo pulsional, defende-se que o indivíduo nasce num estado de intensa relação com o seu meio e, ainda que a maioria dos objetos possa ser, inicialmente, frustrante, alguns podem funcionar como fonte de gratificação para o bebé. O autor refere-se à primeira relação de objeto como “*amor de objeto passivo*”. Nesta relação, o bebé ama o outro num esforço camuflado para, em troca, ser amado de forma total e incondicional (Balint, 1937 cit. por Greenberg & Mitchell, 1983). Para Balint (1968), a procura de amor primário remete, assim, para a forma mais básica de relações de objeto, nas quais apenas interessam os desejos e as necessidades do bebé (Balint, 1968 cit. por Mitchell, 1988).

Winnicott (1960) enfatiza a importância do cuidado materno, em especial, do *Holding*, o qual inclui a componente física do cuidado enquanto demonstração do amor da mãe. Fairbairn (1941 cit. por Stephenson, 2012), na sua teoria, destaca como necessidade fundamental da criança pequena a obtenção da segurança de se sentir verdadeiramente amada pelos seus pais e de estes aceitarem genuinamente o seu amor.

Com base nas considerações feitas acerca da importância do papel da figura de cuidado, pode-se afirmar que os estados emocionais da criança são organizados pelas interações entre a primeira e a segunda. Estas transações intersubjetivas ajudam a organizar as experiências relacionais futuras (Stolorow & Atwood, 2004 cit. por Scott, 2006). Também Coimbra de Matos (1983) se refere a este ponto ao afirmar que a maior fonte de amor se forma na infância, a partir do amor que os pais dedicam à criança, e que este amor é uma condição fundamental para o sujeito aprender a amar. Em interligação com o nascimento do sentimento de amor, está o conceito de narcisismo. Nas teorias psicanalíticas, o conceito tem sido abordado de distintas formas, ao longo do tempo: Freud (2014 cit. por Holmes, 2001), considerou o *narcisismo primário* uma fase própria do desenvolvimento normal, em que a criança apenas pensa em si própria; trata-se de uma fase precursora da capacidade de estabelecer relações com os outros – de, na sua perspectiva, “investir a libido” nos outros –. Em contrapartida, Abraham (1973 cit. por Holmes, 2001) e, mais tarde, a escola kleiniana, insistiram nos aspetos destrutivos do narcisismo; segundo esta perspectiva, o sujeito narcísico inveja patologicamente e procura, de forma ativa,

destruir o objeto, sendo apenas o si-próprio do sujeito autorizado a existir (Holmes, 2001). De acordo com Rosenfeld (1965 cit. por Holmes, 2001), “este narcisismo de *pele dura* triunfante contrasta com o narcisismo libidinal de *pele sensível*, que é uma forma mais defensiva que destrutiva”. Uma terceira abordagem psicanalítica do narcisismo é a da escola da *Psicologia do Self* de Kohut (1971), que considerou o narcisismo – amor-próprio – e o amor de objeto como duas linhas de desenvolvimento distintas (e que não se encontram situados ao longo de um *continuum*), que persistem ao longo da vida do indivíduo, com os seus próprios traços característicos e patologias inerentes. Segundo este modelo, à medida que o desenvolvimento prossegue, o narcisismo não é substituído pelo amor de objeto mas, sim, moderado por uma desilusão gradual, continuando, assim, a cimentar a autoestima positiva e a procura de objetivos realistas. O *narcisismo secundário*, com a incapacidade de adotar a via de um amor-próprio moderado, resultaria de feridas narcísicas com frequência originadas pela negligência ou pelo abuso parentais. Neste sentido, faltando uma validação pelo exterior do seu narcisismo, estes indivíduos refugiam-se no amor-próprio para que, pelo menos, alguma esperança possa persistir. Ainda na perspectiva de Kohut (1960 cit. por Holmes, 2001), o narcisismo saudável é uma condição indispensável a uma vida bem-sucedida pois, quando a criança se sente desejada e experiencia sentimentos de afeto por parte das figuras parentais, “começa a construir um sentimento de si própria como especial e digno de amor” (p. 46).

Stolorow (1980 cit. por Mitchell, 1988) propôs uma definição mais “funcional” do conceito de narcisismo, o qual se apresenta como equivalente à manutenção da autoestima: “A atividade mental é narcisista na medida em que a sua função é manter a coesão estrutural, a estabilidade temporal e a coloração afetiva positiva da representação do *Self*” (p. 176).

2. Construção do *Self* e amor objetal

Fundada por Kohut em 1977, a *Psicologia do Self* constitui uma assimilação de componentes do modelo relacional ao modelo pulsional no qual se baseava o trabalho do autor. Em contraste com os modelos pulsionais, no qual as pulsões têm um papel primordial na vida psicológica, as teorias relacionais apontam a relação com os outros como sendo fundamental para a construção da vida mental (Greenberg & Mitchell, 1983). O constituinte fundamental do modelo de Kohut referente ao aparelho psíquico

é o *Self*, atribuindo funções a esta estrutura que a teoria do modelo pulsional clássico atribuía às estruturas do *Id*, do *Ego* e do *Superego*.

Antes de avançar neste tópico, torna-se fundamental apresentar uma definição de *Self*, tomando como base a literatura psicanalítica. Segundo Atwood e Stolorow (1984 cit. por Socarides & Stolorow, 2013), o *Self* é concebido como uma estrutura psicológica, uma organização da experiência específica de uma pessoa em particular; é através desta estrutura que a experiência adquire coesão e continuidade; o *Self* é, neste sentido, como “um *locus* de relações” (Goldberg, 1981 cit. in Greenberg & Mitchell, 1983, p. 411). Numa revisão do livro *La Práctica de la Psicoterapia Relacional: El Modelo Interactivo en el Campo del Psicoanálisis*, de Joan Coderch (2010), Sutil (2010) enfatiza a ideia do autor de ainda não se ter chegado a uma explicação satisfatória de como uma excitação electroquímica num circuito neuronal ganha a forma de uma experiência subjetiva, isto é, de uma imagem, de um pensamento ou de um sentimento. Na linha de pensamento de Coderch (2010 cit por Sutil, 2010), a teoria que reduz a mente ao cérebro não traz grandes conclusões em termos de conhecimento, preferindo o autor a teoria de Popper e Eccles (s.d. cit por Sutil, 2010), na qual a mente é vista como pertencente a uma realidade que emerge da interação entre o cérebro e os estímulos internos e externos que, sobre ele, incidem. De acordo com Mitchell (n.d. cit. por Sutil, 2010), o *Self* trata-se de uma estrutura encarregue da organização subjetiva dos significados que o sujeito elabora ao longo do tempo através dos seus comportamentos e pensamentos e dos sentimentos de si próprio.

Na visão de Fairbairn (n.d. cit. por Rubens, 1994), o *Self* não seria apenas o resultado da experiência mas, de igual forma, uma pré-condição para a mesma. De acordo com Greenberg e Mitchell (1983), Fairbairn foi um dos autores que mais contribuiu para a mudança do modelo estrutural/pulsional para o modelo relacional/estrutural; opondo-se à ideia concordante com o primeiro modelo de que o bebé nasce sem relação com os outros e que procura a redução da tensão (apenas se relacionando com os outros secundariamente), Fairbairn sugere que o bebé está, desde uma fase inicial, orientado para os outros. Não negando a importância do prazer, este é colocado por si num contexto no qual é visto como um meio para alcançar um fim, e não como um fim em si mesmo.

Os afetos têm sido apontados como tendo um papel fundamental na organização da experiência (e.g. Lichtenberg, 1983 cit. por Socarides & Stolorow,

2013), o que remete, mais uma vez, para os padrões precoces de interação criança-cuidador. Quando não existe uma resposta que esteja em sintonia com os estados afetivos da criança, originar-se-ão desequilíbrios significativos na integração afetiva ótima e, conseqüentemente, uma tendência a negar as reações afetivas, percebidas como ameaçadoras às frágeis estruturas anteriormente formadas (Socarides & Stolorow, 2013).

Na perspectiva de Kohut (1977 cit. por Greenberg & Mitchell, 1983), o indivíduo nasce num meio humano caracterizado pela empatia e responsividade, sendo as relações com os outros fundamentais. Neste sentido, as origens do *Self* remontam ao ponto em que as potencialidades inatas do bebê convergem com as expectativas dos pais relativamente ao mesmo. Lichtenberg (1991) sugere que o bebê é geneticamente dotado de esquemas que facilitam a organização da experiência em unidades que envolvem elementos do *Self*, do objeto e dos afetos. De acordo com Stern (1992 cit. por Mesquita, 2013), o bebê traz consigo uma capacidade para estabelecer relações humanas, sendo ele participante na construção das primeiras relações essenciais. No entanto, para o autor, de forma que seja possível a experiência do *Self*, é necessário um contexto intersubjetivo que facilite a elaboração e desenvolvimento das estruturas psicológicas. Segundo Lichtenberg (1991), inicialmente, o *Self* não consegue manter-se isoladamente, necessitando da participação de outros para adquirir “coesão, constância e resiliência” (p. 411) e, para mais tarde, poder operar de forma autônoma. Estes outros, designados por Kohut (1977 cit. por Lichtenberg, 1991) de “objetos do *Self*”, ainda não estão, de acordo com Lichtenberg (1991), diferenciados do *Self* do ponto de vista do bebê. Para Loewald (1988 cit. por Stolorow, 1994), a origem da vida psíquica do indivíduo é um campo transindividual, composto pela díade mãe/ criança e não apenas pelo indivíduo e os seus instintos. Também Atwood e Stolorow (1984) deram o seu contributo neste sentido introduzindo o conceito de intersubjetividade. “Campo intersubjetivo” e “campo relacional” são conceitos equivalentes e que pressupõem a interseção de duas ou mais subjetividades.

De acordo com a teoria de Kohut (1977 cit. por Greenberg & Mitchell, 1983), a criança vivencia as emoções dos objetos do *Self* – transmitidos sobretudo através do toque e do tom de voz – como se fossem as suas. É por meio desta responsividade empática às necessidades da criança que os objetos do *Self* fornecem as experiências necessárias ao desenvolvimento progressivo do *Self* e de um narcisismo saudável. Existindo necessidades narcísicas básicas, o autor defende que o bebê necessita de

ser admirado pelos seus objetos do *Self* iniciais, o que revela um sentido natural de onipotência e grandiosidade. Mais tarde, a criança pequena necessitará de formar uma imagem idealizada de, pelo menos, um dos progenitores e de experienciar um sentido de fusão com esse objeto do *Self* idealizado. Com o progredir do desenvolvimento adequado, surgem duas configurações relacionais: as imagens do *Self* grandiosas ligam-se a objetos do *Self em espelho*, e imagens mais desqualificadas do *Self* fundem-se com objetos do *Self* idealizado. Na perspetiva de Kohut (1971, 1977, 1984 cit. por Banai, Mikulincer & Shaver, 2005), o sentido de coesão do *Self* é alcançado quando o indivíduo adquire um conjunto estável, congruente e positivamente valorizado de qualidades, ambições e valores, e é capaz de realizar objetivos sem se isolar relativamente aos outros significativos e aos grupos de referência. Neste sentido, de acordo com o autor, um *Self* coeso tem a capacidade de manter um sentido de consistência e clareza relativamente aos padrões de experiências e comportamentos, mesmo em situações de ameaça, permitindo, ainda, um sentido de segurança interna e resiliência, características fundamentais em condições mais negativas. De acordo com Fonagy e Target (1998), as interações com os cuidadores nos primeiros anos da infância, servem uma função de preparação para todas as interações futuras com os outros, da mesma forma que Bowlby (1969, 1973, 1980 cit. por Fonagy & Target, 1998) tinha já referido que a qualidade da relação com os pais resulta em representações ou modelos mentais do *Self* e dos outros que providenciam padrões para as futuras relações sociais.

Também Blatt (1990 cit. por Campos, 2003) se referiu à construção do *Self* como um aspeto central do desenvolvimento do indivíduo e da sua personalidade. Na sua perspetiva, a interação harmoniosa entre o estabelecimento de relações interpessoais progressivamente mais maduras, “recíprocas, mutuamente satisfatórias, estáveis e duradouras” (p. 91) e, por outro lado, o desenvolvimento de uma identidade ou de um sentido do *Self* consolidado, diferenciado, estável e cada vez mais integrado são duas linhas fundamentais para o desenvolvimento individual. Desta forma, é defendido que um sentido do *Self* progressivamente mais diferenciado, integrado e sólido facilita o estabelecimento de relações cada vez mais maduras, estáveis e mutuamente satisfatórias, sendo que, por sua vez, o estabelecimento de relações com estas características possibilita o desenvolvimento de uma identidade mais evoluída.

3. *Self* e escolha amorosa

Tendo Kohut (1984 cit. por Mesquita, 2013) abordado a importância das respostas adequadas às necessidades da criança por parte dos objetos da infância, também defendeu que o sujeito, já adulto, procura compensar as falhas nestas relações através da busca de “um amor ideal” (p. 96), que possibilite o desenvolvimento de estruturas psíquicas que ficaram suspensas no seu desenvolvimento. Contudo, esta procura tem também o potencial de conduzir a relações pouco satisfatórias e até patológicas, uma vez que, quanto maior for a falha na relação com o objeto primordial, maior será a ânsia do indivíduo pela procura do objeto idealizado; por consequência, caso ocorra outra falha (desta vez no novo relacionamento) maior será a decepção.

Fairbairn (1941) refere-se ao desenvolvimento das relações de objeto como o processo pelo qual a dependência infantil relativa ao objeto dá lugar à dependência madura face ao mesmo. Para uma dependência madura, é necessário, por um lado que haja um abandono gradual no que respeita à relação de objeto original, a qual se baseia numa identificação primária; por outro, torna-se essencial a adoção, também gradual, de uma nova relação de objeto baseada na diferenciação relativamente ao mesmo. Porém, de acordo com Allingham (1987 cit. por Ruszczynski, 2005), ao longo do nosso desenvolvimento, nunca abandonamos os modos de funcionamento aprendidos nas idades mais precoces; mesmo os indivíduos adultos mais maduros detêm, inconscientemente, formas de funcionamento e de relação com os outros que remontam à infância, os quais se verificam inclusivamente ao nível dos relacionamentos amorosos. Para Ruszczynski (2005), a natureza da primeira relação de objeto torna-se um padrão para todos os relacionamentos futuros, quer na infância quer na idade adulta.

Já Freud, em *Sobre o narcisismo: uma introdução* (1914), defendia que as escolhas amorosas do adulto são uma atualização da relação primária com os cuidadores, representando a procura do objeto uma tentativa do indivíduo de recuperar o seu narcisismo infantil e a sua onipotência experienciada naquele período. O amor, de acordo com Person (2007) oferece ao indivíduo uma nova oportunidade para resolver os conflitos que caracterizam a fase edipiana bem como a “segunda individuação” que marca o período da adolescência, completando, assim, o trabalho psicológico que não estava terminado. Apesar de possibilitar uma separação bem-sucedida relativamente ao passado – principalmente no que respeita ao excesso

de dependência face aos progenitores –, o amor pode, simultaneamente, proporcionar novos sentimentos de unicidade, similares àqueles experienciados primeiramente na infância. A busca de um objeto de amor, segundo Mesquita (2013), “parece ser uma característica da condição humana, sendo a relação amorosa uma das que mais poderá contribuir para o desenvolvimento do indivíduo” (p. 102). Tal afirmação baseia-se no facto já estudado de o *Self* ser fortalecido pela relação de amor; por outro lado, um *Self* fortalecido torna-se mais capaz de estabelecer relações com profundidade. De acordo com Leone (2008), o indivíduo procura na relação amorosa experiências que o ajudem a consolidar e manter um sentido do *Self* coeso.

Ainda que alguns conflitos originados na infância possam ser resolvidos numa nova relação amorosa, o que surge mais na prática clínica, segundo Mesquita (2013), é a procura daquilo que faltou, “num reencontro permanente com a falta” (p. 110) que não permite preencher os espaços vazios e que mantém o ciclo repetitivo de desprazer. Daqui resultam escolhas de objetos similares ao objeto conflitual da infância. Kernberg (1991 cit. por Mesquita, 2013) refere que, mesmo nos casos em que o objeto parece ser novo e distinto, o indivíduo tem a tendência de, através identificações projetivas, induzir características e desencadear respostas análogas àquelas que obteve com o objeto conflitual nos primeiros anos da sua vida. Por detrás disto, está uma tentativa de reparar essas relações patológicas passadas.

Na perspetiva de Kernberg (1989, 1995 cit. por Mesquita, 2013), é necessário que haja, na paixão, um atravessar das fronteiras do *Self* em direção ao outro, mantendo, contudo, uma identidade separada. Porém, tal só é possível, segundo o autor, quando as fronteiras desta estrutura psíquica estão bem delimitadas, não permitindo a emergência de um sentimento de dissolução do Eu no outro.

4. Teorias sobre o amor

Diversas foram as disciplinas que, ao longo do tempo, se interessaram por compreender a natureza do amor (Regan, 2008). Numa visão evolutiva do ser humano, o amor aparece estreitamente ligado à oportunidade de reprodução (Schmitt, 2006), excluindo-se praticamente qualquer aspeto ligado à sua componente psicológica. Na Psicologia Social, Berscheid e Hatfield (1974 cit. por Fehr, 2013) conceberam o amor em termos de dois tipos: *passionate love* e *companionate love*. O primeiro tipo define-se por extremos emocionais, excitação fisiológica e atração

sexual, enquanto que o segundo se caracteriza pelo carinho, confiança, honestidade e respeito, e implica a existência de um vínculo profundo a alguém, desde um amigo chegado a membros da família ou parceiros românticos.

Sternberg (1986, 1998 cit. por Regan, 2008) propôs uma conceitualização de amor com base em três componentes que formam os vértices de um triângulo: intimidade, paixão e decisão/compromisso. A componente *intimidade*, na sua natureza, emocional ou afectiva, envolve sentimentos como calidez, proximidade e conexão na relação de amor; a componente *paixão* é motivacional e consiste nos instintos envolvidos na atração física e romântica, na consumação sexual, e noutros fenómenos relacionados; por último, a componente *decisão/compromisso* é de natureza cognitiva e representa tanto a decisão a curto prazo de que um indivíduo ama outro como o compromisso de longo prazo para manter o amor em questão. De acordo com Sternberg (1986), as diversas combinações destes elementos produzem oito diferentes tipos de amor – não-amor (categoria criada a pensar em determinadas interações superficiais que não se integram em nenhuma das outras), amor vazio, amizade, paixão, amor romântico, amor companheiro, amor instintivo e amor verdadeiro –, por exemplo, o *amor compassivo* seria a combinação dos elementos *intimidade* e *decisão/compromisso*.

Outra teoria sobre o amor foi a proposta por Lee (1973, 1976 cit. por Hendrick & Hendrick, 1986), que definiu uma tipologia de seis estilos amorosos, três deles primários – *eros* (amor romântico, apaixonado, caracterizado pela intensidade e compromisso), *ludus* (jogo amoroso, marcado por uma baixa envolvimento) e *storge* (amor baseado na amizade), e três estilos secundários – *mania* (amor obsessivo, dependente e emocionalmente lábil), *pragma* (amor prático, caracterizado por escolhas racionais) e *agape* (amor altruísta). Os estilos secundários foram concebidos como compostos de pares dos estilos primários; por exemplo, *Mania* é um composto de *Eros* e *Ludus*, ainda que qualitativamente muito diferente de qualquer um dos elementos primários; *Pragma* é um composto de *Storge* e *Ludus*, mas com propriedades muito diferentes das destes; o mesmo acontece para *Agape*, um composto de *Eros* e *Storge*. Uma consequência destes compostos é o facto de que, embora os seis estilos estejam interrelacionados de forma lógica, cada estilo tem propriedades qualitativas independentes de todos os demais estilos. Deste modo, pode-se afirmar que não existe um estilo de amor, mas sim muitos estilos distintos.

No mesmo período, Hazan e Shaver (1987) deram o seu contributo ao desenvolvimento das abordagens à temática do amor, aplicando a teoria da vinculação (e.g. Bowlby, 1969, 1973, 1979, 1980; Ainsworth et al., 1978) às relações românticas do adulto, tendo, nas suas investigações, encontrado evidências de que os padrões de vinculação do adulto ao seu parceiro romântico refletia os estilos de vinculação da infância (*seguro*, *ansioso-ambivalente*, e *evitante*) fundamentados pelos psicólogos do desenvolvimento.

Diversos estudos têm sido realizados acerca da vulnerabilidade narcísica e os relacionamentos amorosos. A associação entre os dois conceitos deve-se ao facto de existir uma necessidade do indivíduo de assegurar as funções do seu *Self* a partir do meio (Pistole, 1995). Segundo Pistole (1995), as investigações realizadas indicam que os relacionamentos de tipo seguro revelam um sentido do *Self* e do parceiro como separados; por exemplo, na de Bartholomew e Horowitz (1991) um apego seguro foi associado a uma maior intimidade, da mesma forma que Simpson (1990) corroborou que os níveis de interdependência são mais elevados em estilos de relacionamento mais seguros. Também a confiança e a mutualidade, de acordo com Feeney e Noller (1991 cit. por Pistole, 1995) se enquadram em relacionamentos do mesmo tipo. Por outro lado, segundo Solomon (1989 cit. por Pistole, 1995), as relações de carácter mais narcísico caracterizam-se por necessidades do *Self* que assumem uma importância primária; o *Self* revela-se mais frágil e, por conseguinte, existe um maior foco nas necessidades do próprio do que nas no parceiro, o que significa um maior grau de vulnerabilidade narcísica.

Mesquita (2013), numa abordagem mais psicanalítica dos relacionamentos amorosos, defende a existência de tipos de relacionamento amoroso que assentam em necessidades narcísicas, “emergentes do sentido de vulnerabilidade narcísica do *Self*” (p.159), isto é, que têm como objetivo a reparação do que ficou suspenso em termos do desenvolvimento do *Self*. A autora aponta como propósito destas relações uma *pseudo-narcisação do Self*, que ocorre com a finalidade de diminuir o sentimento de vulnerabilidade narcísica. Este mecanismo de reparação narcísica atua por meio de duas vias: a da submissão – mais comum nos funcionamentos de tipo neurótico – e a do *Self* grandioso – mais típica dos funcionamentos *borderline* e psicóticos. As relações que visam a procura do que falta ao *Self* classificam-se, de acordo com Mesquita (2013), em três tipos de funcionamento: Relacionamento amoroso tipo Submisso-Idealizador, Relacionamento amoroso tipo Eufórico-Idealizante e

Relacionamento amoroso tipo Evitante-Desnarcisante. Os três tipos serão descritos de seguida:

- *Relacionamento amoroso tipo Submisso-Idealizador:*

Segundo Rank (1941), a dependência excessiva do outro para a regulação da autoestima é passível de desencadear comportamentos de subserviência masoquista, com vista a impedir a perda do objeto – necessário ao engrandecimento do *Self*. Nestes casos, as relações amorosas são estabelecidas com vista a viabilizar a ilusão de possuir uma autoestima verdadeira e fortalecida. De acordo com Mesquita (2013), quando o indivíduo sentiu que foi amado de um modo parcial, apenas pelos aspetos que satisfaziam o outro significativo, não aprendeu a amar de nenhuma outra forma; como consequência, este indivíduo vai ligar-se aos outros apenas parcialmente: “*gosto não dele, mas do que ele me faz iludir que eu seja*” (p. 160). Na perspetiva de Kernberg (1995 cit. por Mesquita, 2013), a ligação ao outro neste tipo de relacionamento, foca-se sobretudo na beleza física, no poder/riqueza, conferindo ao indivíduo o sentimento de posse de tais atributos. Trata-se da idealização do outro relacionada com as necessidades de manutenção do mesmo como alimento narcísico (Mesquita, 2013).

É possível fazer uma analogia entre o relacionamento amoroso tipo submisso-idealizador e a fusão com o selfobjeto grandioso e onipotente que Kohut referia como fase fundamental no desenvolvimento infantil. Na relação com a figura de cuidado, o indivíduo experienciou uma relação marcada pela dependência, sentindo-se exausto na sua capacidade de satisfazer e lesado na sua necessidade de afeto e compreensão, o que originou o sentimento depressivo de dar sempre mais do que recebe. De outro modo, o indivíduo sentiu sempre que a resposta não estava ao nível da satisfação da sua necessidade. Consequentemente confunde-se, no relacionamento amoroso, relação objetal com dependência, sendo que, quando isto acontece, incorre-se numa busca da admiração do outro em vez do seu amor. Estando-se sempre à espera de receber algo – nunca sentido como suficiente –, o enfraquecimento narcísico do *Self* não chega a ser colmatado e não se dá um autêntico restauro do *Self* (Mesquita, 2013).

- *Relacionamento amoroso tipo Eufórico-Idealizante*

Nas situações em que não foi possível atingir a *posição depressiva* e as ansiedades infantis não foram modificadas e integradas, existe uma necessidade de

criar um escudo protetor relativamente aos objetos internos e externos, percebidos como responsáveis no reaparecimento de ansiedades desorganizadoras (O'Shaughnessy, 1981). Assim se estabelecem, segundo Mesquita (2013), relações mediadas pela inveja e pela agressividade face ao outro, o qual desempenha uma função de contenção do *Self*.

Kernberg (1995 cit. por Mesquita, 2013), refere-se a homens que elegem mulheres feias como forma de fazer ressaltar a sua própria beleza e suscitar, assim, admiração; o objetivo é destruir o narcisismo do outro, uma vez que esse aumenta o sentimento de inferioridade do próprio. Segundo Coimbra de Matos (2002 cit. por Mesquita, 2013), origina-se um desejo de destruir o outro caso este exhiba alguma qualidade superior. Encontra-se neste tipo de relacionamento, segundo Mesquita (2013), uma oscilação constante da visão do outro – por um lado, mau enquanto fonte de projecções e, por outro, ideal, havendo uma tentativa de identificação por parte do indivíduo –: “*se gosto de mim, não gosto do outro, se gosto do outro não gosto de mim*” (p. 167).

Estes relacionamentos caracterizam-se pelo menosprezo do envolvimento afetivo em detrimento de um envolvimento que sustente o sentimento de ser desejado e que dissimule o *Self* falhado, sendo que a excitação que surge face a cada nova relação dissolve-se com a proximidade do objeto. Isto advém do facto de estes indivíduos terem sentido, na sua relação mais precoce, uma perda de interesse por parte do objeto, pelo que escolhem não se envolver afetivamente de forma a evitarem a rejeição (Mesquita, 2013). De acordo com Cooper e Maxwell (2004 cit. por Mesquita, 2013), a procura incessante do outro tem que ver com a necessidade de unir o *Self* fragilizado, gerador de um sentimento que, muitas vezes, é o de estar destruído. Trata-se de um funcionamento baseado no *princípio do prazer*, marcado por uma procura, por parte do *Eu*, de que todas as tensões sejam reduzidas ao máximo, não sendo permitido o adiar da experiência de satisfação (Mesquita, 2013).

- *Relacionamento amoroso tipo Evitante-Desnarcisante*

Para alguns indivíduos, a vivência de intimidade está estreitamente ligada ao fusional e, portanto, cria-se uma falsa estabilidade com um *Eu* efémero disfarçado de grandioso. Subestima-se o outro como forma de enaltecimento, cobrindo um sentimento de profunda inferioridade; nega-se a dependência por meio do controlo do objeto, com vista a fragilizá-lo (Mesquita, 2013). A expressão de Kernberg (1984 cit.

por Goldblatt & Maltzberger, 2010) *narcisismo maligno* caracteriza bem o funcionamento destes indivíduos, na medida em que tentam denegrir os aspectos idealizados do outro para negar o sentimento de inveja e camuflar a angústia/ideação paranoíde. Estas características são, segundo Mesquita (2013) típicas dos funcionamentos mais psicóticos, marcadas uma negação intensa da necessidade de ligação ao outro; todas as funções do *Self* são aniquiladas, levando a um empobrecimento da vida mental e afetiva. As retiradas narcísicas que Glasser (1992 cit. por Mesquita, 2013) refere acerca destes sujeitos visam a segurança e a auto-suficiência, conduzindo, contudo, a sentimentos de abandonos e de desintegração, isolamento e depressão. De acordo com Mesquita (2008 cit. por Mesquita, 2013), a realidade interna e externa é alvo de um ódio intenso, sendo que a parte psicótica da personalidade, em aliança com o *Self* narcísico destrói as funções caracterizadoras da resposta evolutiva do princípio da realidade.

CAPÍTULO II

SATISFAÇÃO COM A RELAÇÃO AMOROSA

1. Definindo relação amorosa e satisfação

Considerando que todas as relações têm padrões de interação associados, os investigadores têm tentado identificar as condições que são responsáveis pelos ditos padrões e, conseqüentemente, com uma maior satisfação com a relação amorosa (Berscheid & Lopes, 1997). Uma relação amorosa envolve, na sua essência, uma ligação amorosa/sexual com um outro indivíduo, que possua algum grau de estabilidade. Não só o casamento se insere neste conceito mas também, por exemplo, o viver em união de facto e até o namoro (Wachelke, Andrade, Cruz, Faggiani & Natividade, 2004) – ainda que neste último caso já possam surgir algumas dúvidas relativamente ao nível de estabilidade da relação. A relação de casal é, para muitos, de entre todas as relações, aquela que é de natureza mais íntima e duradoura (Levenson, Carstensen & Gottman, 1993). Ainda que o casamento não seja um objetivo para todos os indivíduos, uma grande parte pretende uma relação íntima de longo termo (Hendrick & Hendrick, 1997).

Segundo Hendrick (1995 cit. por Hendrick & Hendrick, 1997), a satisfação amorosa envolve os sentimentos subjetivos dos parceiros relativamente à sua relação, sublinhando a diferença entre este conceito e o de ajustamento, o qual está mais direcionado para a componente comportamental do relacionamento, ou a forma como este “funciona”. Na literatura, é igualmente confusa, por vezes, a diferença entre satisfação e qualidade conjugal; de acordo com Narciso (2001 cit. por Benkovskaia, 2008), enquanto o conceito de qualidade se refere ao desempenho na e da relação, a satisfação tem que ver, sobretudo, com a avaliação pessoal e subjetiva de cada parceiro face à relação – mais especificamente aos processos comportamentais (comunicação, conflitos e sua resolução, e processos de decisão), cognitivos (percepções, crenças e expectativas) e afetivos (amor, intimidade e compromisso).

Na perspetiva de Lively (1969, cit. por Fincham, Beach & Kemp-Fincham 1997), a literatura acerca da satisfação com a relação conjugal caracteriza-se, ainda, por alguma falta de adequação teórica, tendo em conta os diversos conceitos (e.g. “qualidade”, “ajustamento”, “satisfação”) que surgem neste âmbito.

Sternberg (1989 cit. por Andrade, Garcia & Cano, 2009) referiu que a felicidade do indivíduo na relação é o resultado da comparação entre os seus relacionamentos anteriores e o atual; já Silva e Pereira (2005 cit. por Andrade e Garcia, 2009) defendem que essa felicidade advém da comparação entre as expectativas que o sujeito constrói sobre o/a companheiro/a e as características do/a companheiro/a real.

Diversos estudos têm sido feitos acerca da qualidade da relação (e.g. Fincham & Bradbury, 1987; Burman & Margolin, 1992; cit. por Robles, Trombello, Slatcher & McGinn, 2014), sendo enfatizadas dimensões como os aspetos positivos e negativos do casamento – por exemplo, suporte e tensão – atitudes e padrões de comportamento e interação. De acordo com Robles et al. (2014), uma elevada qualidade conjugal é, geralmente, definida por relatos reveladores de altos níveis de satisfação com a relação os quais assinalam, de forma predominante, atitudes positivas para com o cônjuge ou companheiro e baixos níveis de comportamentos negativos. Uma baixa qualidade conjugal, por outro lado, é caracterizada por uma baixa satisfação, por atitudes predominantemente negativas e altos níveis de comportamentos negativos e hostis. Perante isto, segundo Bradbury, Fincham e Beach (2000), é possível deduzir que a satisfação com a relação amorosa é um construto influenciado por fatores vários.

As evidências sugerem que a satisfação, normalmente considerada como resultado ou como variável dependente é um dos fatores que melhor predizem a continuidade de uma relação (Hendrick, Hendrick & Adler, 1988). Porém, de acordo com os mesmos autores, numa relação pessoal próxima, resultado e processo são parte do mesmo ciclo, afetando a satisfação, por seu lado, os níveis de amor e de investimento que inicialmente predisseram a satisfação.

2. Fatores que influenciam a satisfação com a relação

Mas que aspetos contribuem para uma relação feliz? Numa primeira fase da investigação sobre as relações amorosas, os investigadores focavam-se, fundamentalmente, nas variáveis demográficas (e.g. educação, rendimento) para predizer a satisfação conjugal. Não obstante, as mudanças que se foram verificando em termos das funções e dos objetivos do casamento resultaram numa menor ênfase nestes fatores. Visto, outrora, como uma união que tinha como fim o fortalecimento de uma classe social (Duby, 1983 cit. por Feeney, Noller & Ward, 1997), o amor

romântico e a atração têm vindo a ganhar importância na construção de uma relação. Consequentemente, os padrões de interação entre os membros do casal são, agora, considerados elementos-chave para prever a satisfação conjugal.

Diversos fatores têm sido associados a uma maior satisfação em indivíduos casados ou a viver em união de facto. Relativamente ao género, estudos realizados (e.g. Field & Weishaus, 1984; Skolnick, 1986; cit. por Levenson, Carstensen & Gottman, 1993) demonstram que, em todas as faixas etárias, os homens casados relatam níveis mais altos de satisfação conjugal comparativamente às respetivas mulheres. A confiança na relação tem igualmente sido relacionada à satisfação com a relação amorosa, sendo que, níveis mais elevados nesta variável têm sido associados a menos interações negativas (e.g. conflitos ou retirada) (Stanley, Markman & Whitton, 2002 cit. por Johnson & Anderson, 2013). Outros estudos (e.g. White, 1983; Zuo, 1992; cit. por Johnson & Anderson, 2013) revelam que existe uma maior satisfação a este nível quando os indivíduos passam mais tempo juntos e partilham atividades.

De acordo com Reis e Patrick (1996 cit. por Laurenceau, Barrett & Pietromonaco, 1998) a intimidade trata-se de um processo interpessoal transacional no qual a auto-revelação e a responsividade do parceiro são aspetos-chave; nesta perspetiva, a intimidade desenvolve-se a partir de um processo dinâmico através do qual um indivíduo revela informação pessoal, pensamentos e sentimentos para com o parceiro, o qual, por seu lado, retribui de forma empática; como resultado dessa retribuição, o primeiro sente-se compreendido, validado e alvo de atenção. Mirgain e Cordova (2007 cit. por Benkovskaia, 2008) verificaram, num estudo realizado, que a intimidade é outra das variáveis que surge ligada à satisfação conjugal. Outro dos fatores que tem ganho particular interesse é o papel desempenhado pelo desejo sexual (Ferreira et al., 2014); de acordo com Brezsnyak e Whisman (2004), alguns estudos realizados sugerem que este é um dos aspetos mais decisivos da satisfação com a relação amorosa, sendo que, um baixo nível de desejo sexual tem sido associado a níveis inferiores de satisfação com a relação – tanto nos indivíduos que apresentam pouco desejo sexual como nos seus parceiros.

Segundo Ferreira, Narciso, Novo e Pereira (2014), investigadores do campo da teoria dos sistemas familiares, têm sugerido que o nível individual de diferenciação do *Self* – a capacidade para autorregular-se emocionalmente e integrar, de forma adequada, as necessidades de autonomia e de proximidade (Bowen, 1979 cit. por Ferreira et al., 2014) – joga um papel central na satisfação conjugal (Peleg, 2008;

Skowron, 2000; cit. por Ferreira et al., 2014). De acordo com Diamond, Blatt, Stayner & Kaslow (1991), as representações do *Self* e dos outros integram-se no desenvolvimento dos esquemas mentais, o qual tem início nas experiências precoces da criança no âmbito da relação de cuidado com a progenitora. Na perspectiva dos autores (1991 cit. por Campos, 2003), um sentido do *Self* cada vez mais diferenciado, integrado e maduro, facilita o estabelecimento de relações cada vez mais maduras, estáveis e reciprocamente satisfatórias. Assim, o processo de diferenciação do *Self* tem início quando a criança começa a ter algum controlo sobre a sua independência e regulação emocional, e intensifica-se através da calibragem das duas forças mais fortes numa relação de casal: a união e a autonomia (Kerr & Bowen, 1988 cit. por Ferreira et al., 2014).

De acordo com Orbuch, House, Mero & Webster (1996 cit. por Benkovskaia, 2008), em estudos longitudinais realizados que apontam para um declínio na satisfação conjugal após os primeiros anos de casamento, bem como para um aumento dos conflitos entre o casal, parece haver uma ligação entre determinados padrões de comunicação (que se caracterizam, por exemplo, por uma constante agressividade) e este fenómeno. Por último, a presença de filhos nos anos intermédios de casamento parece ter, também, algum peso na satisfação conjugal, sobretudo devido à ocorrência de sobrecarga de tarefas domésticas e parentais, mas também como consequência da diminuição de tempos-livres exclusivos do casal. Assim, segundo os autores, o declínio da satisfação conjugal tem sido fortemente associado à presença de filhos; porém, segundo outros (e.g. William et al., 2006 cit. por Silva, 2008), a saída de casa dos filhos constitui-se como um fator que contribui para o aumento da satisfação. Também de acordo com Feeney, Noller e Ward (1997), os casais que têm mais filhos a viver consigo parecem ilustrar uma menor qualidade da sua relação no que diz respeito a aspetos como a comunicação, a compatibilidade e a intimidade; os autores constataram, ainda, que os níveis mais altos de compatibilidade e intimidade/proximidade ocorriam em casais que nunca tinham tido filhos ou que, tendo, não viviam com eles, o que revelava uma maior satisfação conjugal.

Numa perspectiva mais psicanalítica, enfatiza-se a importância da elaboração edipiana na construção da capacidade para estar em relação. A elaboração edipiana implica a capacidade de aceitar que é possível abdicar da relação diádica, compreendendo o indivíduo que existem benefícios em relacionar-se com outros. Esta capacidade constitui uma passagem do narcisismo para a capacidade de estar em

relação (Mesquita, 2013). De acordo com Fisher (2005 cit. por Mesquita, 2013) – antropologista, socióloga e, segundo Hedges (2012) uma das maiores estudiosas da área da intimidade humana – é esta passagem que faz surgir a *competência para o casamento*, na qual se inclui a possibilidade de desenvolver uma atenção especial, não só para consigo mesmo mas também para com o outro e, ainda, para com a relação que os dois elementos formam.

Para Holmes (2006 cit. por Mesquita, 2013), um bom funcionamento na relação amorosa depende, inequivocamente, da capacidade que as duas pessoas revelam para olharem e refletirem sobre a sua relação como um terceiro, “como uma entidade em si mesma, separada dos dois indivíduos que a constituem” (p. 132). Trata-se do *casal criativo* de que fala Morgan (2006) – um estado mental em que é possível que cada um se coloque numa terceira posição, de modo que se permita observar-se a si próprio na relação de casal e a refletir não só acerca dos próprios sentimentos mas também acerca dos sentimentos do seu parceiro. Segundo Leone (2008), a relação de casal é altamente influenciada pelo grau em que cada parceiro desenvolveu um sentido do *Self* positivo e coeso e, ainda, pela capacidade de articular, regular e integrar os afetos. Para a autora, a relação é também influenciada pela forma particular de um indivíduo experimentar o seu parceiro e as suas interações. Segundo a teoria da intersubjetividade de Stolorow, Brandshaft e Atwood (1987 cit. por Leone, 2008), os indivíduos experienciam o mundo através dos seus modelos relacionais – construídos precocemente –, pelo que vêem o outro por meio da “lente” organizadora das suas necessidades de objetos do *Self*. Sendo que todo o indivíduo adulto entra numa relação amorosa com necessidades emocionais que não satisfeitas quando criança (Matta, 2006), a forma como estão organizadas as suas necessidades de objetos do *Self* influencia as próprias expectativas e respostas emocionais dos parceiros (Leone, 2008).

PARTE II
ESTUDO EMPÍRICO

CAPÍTULO III

ESTUDO EMPÍRICO

1. Enquadramento do estudo, Objetivos e Hipóteses

As teorias referentes à satisfação com a relação amorosa têm sido motivo de estudo a partir dos anos setenta, devido ao aumento registado nas taxas de divórcio (Norton & Glick, 1976 cit. por Medina, 2004). O que é que determina se uma relação irá ou não ser bem-sucedida? Que benefícios traz uma relação amorosa à vida de um indivíduo? Estas são apenas algumas das questões que se levantam relativamente às relações de casal.

Como foi referido anteriormente, existem diversas variáveis que influenciam a satisfação com a relação amorosa. Antes de nos debruçarmos sobre esta última é, assim, necessário, analisar alguns aspetos prévios. No seu estudo acerca dos tipos de relacionamento amoroso, Mesquita (2013) confirmou que estes “se afiguram como funcionamentos narcísicos, com fragilidades ao nível do *Self*” (p. 193), pelo que é possível afirmar que os indivíduos procuram os outros como prolongamentos do *Self*. Tal como foi exposto no Capítulo I, se os conflitos e falhas originárias na infância entre autonomia e dependência, entre exploração e segurança continuam sem se resolver, o relacionamento amoroso surge como o espaço “ideal” para o ressurgir desses conflitos. Como consequência, os relacionamentos amorosos servem uma função que vai mais no sentido da reparação de aspetos do passado do que no sentido do desenvolvimento mútuo (Mesquita, 2013). Por este motivo, será analisada a influência dos tipos de relacionamento amoroso na satisfação com a relação amorosa, bem como a representação do *Self* – tratando-se esta de uma variável passível de influenciar as escolhas do indivíduo.

Com base na pesquisa bibliográfica efetuada, e tendo em consideração a importância que o amor tem na vida do indivíduo, surgiu como objetivo geral do presente estudo compreender de que forma os tipos de relacionamento amoroso e a representação do *Self* influenciam a satisfação com a relação amorosa. Para além do objetivo descrito apresenta-se, de seguida, os objetivos específicos do estudo e respetivas hipóteses:

Objetivo específico 1: Os tipos de relacionamento amoroso – baseados na vulnerabilidade narcísica – atrás referidos, revelam necessidades de objetos que cumpram funções que faltam ao *Self*. No estudo realizado por Mesquita (2012), não são mencionadas diferenças entre os géneros no que respeita ao tipo de relacionamento amoroso estabelecido, uma vez que se verificam estas modalidades de relacionamento tanto em homens como em mulheres. Parece, assim, existir em ambos a mesma necessidade de reparação da fragilidade sentida ao nível das estruturas do *Self*. Desta forma, no presente estudo, pretende-se apurar se se verificam diferenças entre os géneros no que respeita ao tipo de relacionamento amoroso que o sujeito estabelece.

H1: Não existem diferenças estatisticamente significativas entre os géneros no que respeita ao tipo de relacionamento amoroso que visa o reparo narcísico.

Objetivo específico 2: Os estudos realizados no âmbito da satisfação com a relação amorosa/conjugal, não se revelam consensuais em termos dos períodos da relação nos quais a satisfação é mais elevada. Ao passo que alguns autores (e.g. Orbuch, House, Mero & Webster, 1996 cit. por Benkovskaia, 2008) apontam para um declínio da satisfação conjugal após os primeiros anos de casamento, outros, como Shackelford e Buss (1997) referem um aumento regular da satisfação, com o contínuo sucesso na adaptação às situações e desafios do quotidiano. Assim, a duração da relação amorosa – considerando que as relações que registam uma maior duração já passaram por várias transformações e fases do ciclo de vida familiar – constitui-se como uma variável passível de influenciar a satisfação a este nível (Bradbury et al., 2000 cit. por Li & Fung, 2011). Como tal, delineou-se a seguinte hipótese:

H2: Existe uma correlação estatisticamente significativa entre uma maior duração da relação e uma maior satisfação com a relação amorosa.

Objetivo específico 3: Do mesmo modo que a presença de filhos nos anos intermédios da relação amorosa aparenta ter algum peso na satisfação com a mesma (Orbuch, House, Mero & Webster, 1996 cit. por Benkovskaia, 2008), alguns autores (e.g. William et al., 2006 cit. por Silva, 2008) defendem que a saída dos filhos de casa parece constituir-se como um fator que contribui para o aumento do nível de satisfação

com a relação amorosa. Com o objetivo de verificar se se confirma este aspeto no presente estudo, delineou-se a seguinte hipótese:

H3: Espera-se que existam diferenças estatisticamente significativas na satisfação com a relação amorosa entre os sujeitos que têm filhos a viver em sua casa e aqueles cujos filhos saíram.

Objetivo específico 4: Sendo múltiplos os fatores que influenciam a satisfação com a relação amorosa e considerando que todas as relações têm padrões de interação associados (Berscheid & Lopes, 1997), pretende-se verificar se os tipos de relacionamento amoroso que visam o reparo narcísico se ligam a uma menor satisfação com a relação amorosa, uma vez que os sujeitos que evidenciam estas modalidades de relacionamento procuram a reparação das falhas sentidas no *Self*, e não um outro com o qual se possa estabelecer uma relação de satisfação.

H4: Espera-se que os tipos de relacionamento amoroso se correlacionem de forma significativa e positiva com uma menor satisfação com a relação.

Objetivo específico 5: Verificando-se, muitas vezes, que não foi possível, na infância, o desenvolvimento de estruturas psíquicas que permitam uma regulação da autoestima e definição da individualidade do próprio, o indivíduo procura ligações a objetos que sirvam essas funções de visão mais colorida e positiva de si, mais valorizada, não tendo o *Self* conseguido desenvolver plasticidade suficiente para integrar outras experiências transformadoras, capazes de colmatar as falhas anteriores (Mesquita, 2013). Confirma-se, no estudo de Mesquita (2012), que os tipos de relacionamento propostos com base na vulnerabilidade narcísica, revelam necessidades de objetos que cumpram as funções que faltam ao *Self*. Assim, pretende-se verificar, no presente estudo, se associada aos tipos de relacionamento amoroso existe uma representação fragilizada do *Self*.

H5: Verificam-se correlações estatisticamente significativas entre os três tipos de relacionamento amoroso e representações fragilizadas do *Self*.

Objetivo específico 6: Considerando a perspectiva da existência de tipos de relacionamento amoroso que decorrem das necessidades narcísicas, emergentes do sentimento de vulnerabilidade narcísica do *Self* (Mesquita, 2013) e a visão de que a relação amorosa é fortemente influenciada pelo grau em que cada parceiro desenvolveu um sentido do *Self* positivo e coeso (Leone, 2008), interessa analisar se a representação positiva do *Self* se apresenta como o aspeto mais importante na satisfação com a relação, uma vez que o tipo de relacionamento amoroso visa a reparação da falha sentida no *Self* e não a procura de um outro com o qual se possa estabelecer uma relação de satisfação.

H6: Espera-se que a representação positiva do *Self* se revele, em comparação com os tipos de relacionamento amoroso, um melhor preditor da satisfação com a relação amorosa.

2. Metodologia

2.1. Participantes

Os participantes de uma investigação têm, na mesma, uma importância inquestionável, na medida em que permitem a recolha de informação com objectividade, dependendo dos mesmos as conclusões extraídas (Almeida & Freire, 2003). A amostra do estudo é constituída por 110 sujeitos, os quais foram previamente informados de que o objetivo da investigação consistia em estudar a satisfação com a relação amorosa. Foi salientado o carácter voluntário da participação e assegurada a confidencialidade bem como o anonimato dos resultados. Participaram no estudo indivíduos residentes nas regiões de Lisboa e Vale do Tejo, Alentejo e Algarve. Não se registaram desistências. Os questionários foram aplicados, na maioria dos casos, presencialmente – alguns deles em pequenos grupos –, mas também via *E-mail*.

É de ressaltar que a escolha dos participantes se deveu a um critério de conveniência da investigadora, tendo a acessibilidade dos sujeitos sido um critério facilitador da investigação. Para a sua inclusão na amostra, os participantes deviam ter idades compreendidas entre os 30 e os 55 anos, sendo esta faixa etária já caracterizada por alguma estabilidade em termos da relação, na qual, muitas das vezes, também existem filhos. Sendo a amostra constituída 110 sujeitos, 72 pertencem ao sexo feminino e 38 pertencem ao sexo masculino; 67 destes são

casados e 43 vivem em união de facto. Salienta-se que este é o primeiro casamento ou união de facto para 89,1% dos indivíduos, sendo que apenas 10,9% tiveram uma relação anterior de natureza semelhante.

No que concerne ao nível de escolaridade dos sujeitos, refere-se que a maioria (54 sujeitos) completou o ensino secundário, seguindo-se a licenciatura (33 sujeitos). A maioria dos participantes possui idades compreendidas entre os 30 e os 39 anos e os 40 e os 49 anos (48,2% e 35,5%, respetivamente). Salienta-se que 80 sujeitos afirmaram ter filhos, ao passo que 30 responderam o contrário. No que se refere às idades dos filhos, a maioria situa-se entre os 6 e os 11 anos (21,8%), bem como na faixa correspondente àqueles com idades superiores a 23 anos (19,1%); seguem-se aqueles que possuem idades entre os 12 e os 16 anos (12,7%), entre os 17 e os 22 anos (11,8%) e, por fim, entre os 1 e os 5 anos (7,3%). Dos 80 sujeitos com filhos, a maioria (42 sujeitos) tem apenas um, seguindo-se os casos em que existem dois filhos (29 sujeitos). Por fim, é de referir que apenas 6 dos sujeitos com filhos afirmaram que estes já não vivem consigo. Informação pormenorizada sobre a caracterização da amostra pode ser lida no Anexo I.

2.2. Instrumentos

No presente estudo, foi solicitado aos participantes a resposta a um protocolo de investigação (cf. Anexo II) constituído por: a) um Consentimento Informado, b) um Questionário Sociodemográfico e c) três instrumentos: o Inventário de Tipos de Relacionamento Amoroso (ITRA; Mesquita, 2012), a Escala de Avaliação da Satisfação em Áreas da Vida Conjugal (EASAVIC; Narciso & Costa, 1996), e o Procedimento de Avaliação do *Self* (Blatt, Bers & Schaffer, 1992).

a) Consentimento Informado

O protocolo de investigação era composto por uma folha introdutória – o Consentimento Informado – na qual se sublinhou a necessidade de uma leitura atenta das indicações de preenchimento. Neste consentimento encontravam-se as informações relativas à identificação do autor e do orientador do estudo, o contexto em que o mesmo se insere, a confidencialidade das respostas dadas pelo participante (com a finalidade exclusiva do tratamento estatístico próprio da investigação) bem

como o seu anonimato e, ainda, uma chamada de atenção para a importância da sinceridade, espontaneidade e da resposta a todos os itens apresentados. Caso os participantes estivessem de acordo com as condições referidas, deveriam fazer uma rubrica no espaço para tal reservado na folha.

b) Questionário Sociodemográfico

No Questionário Sociodemográfico apresentado, os participantes foram solicitados a indicar o sexo, a idade, o nível de escolaridade, a profissão, a caracterização da sua relação amorosa atual e a sua duração aproximada. Para além destas informações, era pedido que indicassem se esta era a sua primeira relação amorosa e se anteriormente tinham tido outro casamento ou vivido em união de facto, terminando com uma pergunta acerca da existência ou não de filhos e, em caso afirmativo, questionava-se sobre as suas idades e sobre o facto de se encontrarem ou não a viver com o sujeito e o(a) seu(sua) cônjuge/companheiro(a).

c) Instrumentos

1. Inventário de Tipos de Relacionamento Amoroso (ITRA) (cf. Anexo II)

O inventário em questão permite avaliar a existência de relacionamentos amorosos que se organizam em função da vulnerabilidade narcísica. O instrumento foi construído por Mesquita (2012), de modo a suportar a sua investigação acerca da existência de tipos de relacionamento amoroso que visam dissimular a fragilidade narcísica.

1.1. Procedimentos de construção

A construção do presente inventário envolveu um trabalho de redação dos itens e sua posterior seleção, após uma aplicação experimental a um grupo de estudantes universitários. A autora optou pela elaboração de dimensões de modo a operacionalizar os três tipos de relacionamento amoroso que visam colmatar as fragilidades ao nível do narcisismo; partindo da definição de vulnerabilidade narcísica, as dimensões em questão seriam aquelas que mais caracterizam e dizem respeito à

necessidade do outro enquanto objeto. As quatro dimensões elaboradas são as seguintes:

1. Diferenciação do Self – Diversos autores consideram a diferenciação do *Self* um aspeto importante do narcisismo e, de acordo com Mesquita (2012), interfere no relacionamento amoroso, fundamentalmente no que se refere ao tipo eufórico-idealizante e evitante-desnarcisante (embora também exista no tipo submisso-idealizador);

2. Self subjetivo – Refere-se à representação que o indivíduo tem acerca das suas capacidades de autonomia, competência para despertar sentimentos válidos no outro, sendo responsável pela dependência em relação ao outro (Mesquita, 2012);

3. Self objetivo – Está relacionado com a autoestima e estará directamente ligado à maior ou menor necessidade de que o parceiro amoroso desempenhe funções que permitam uma visão mais positiva acerca do próprio (Mesquita, 2012);

4. Exclusividade do Self – Alude à necessidade que o indivíduo com maior ou menor vulnerabilidade narcísica tem de um outro que se dedique de forma exclusiva e que gire em torno do próprio (Mesquita, 2012).

Nesta escala, foi redigido um conjunto de 58 itens de forma a representarem os três tipos de relacionamento amoroso – Submisso-Idealizador, Eufórico-Idealizante e Evitante-Desnarcisante – os quais têm em consideração a necessidade do outro relativamente às quatro dimensões acima referidas. Os itens em questão foram apresentados a três psicanalistas, de forma a verificar se estes estariam de acordo com as teorias psicanalíticas dos relacionamentos amorosos e vulnerabilidade narcísica, tendo resultado num total de 53 itens.

Para a disposição dos itens foi utilizada uma escala tipo Likert, em que a resposta solicitada é dada em termos da tipicidade do comportamento, isto é, do pouco típico no comportamento ao muito típico no comportamento.

1.2. Aplicação experimental da escala

Foi realizada uma aplicação experimental do ITRA, em simultâneo com a aplicação experimental da escala SONI (Escala de Necessidades de Objetos do *Self*)

a 266 sujeitos da Universidade de Évora. Durante a aplicação surgiram dúvidas relativamente aos itens 8 e 28, pelo que se procedeu à sua alteração, de modo a torná-los mais compreensíveis. Após esta aplicação, o instrumento pareceu não levantar dúvidas maiores que pudessem afetar a sua aplicabilidade.

1.3. Procedimentos de recolha e análise dos dados

Foi explicado aos 226 sujeitos que participaram na investigação, que estavam a participar num estudo sobre o narcisismo e os relacionamentos amorosos. Os protocolos foram aplicados e entregues num envelope da Universidade de Évora, referindo-se aos participantes que, após terminarem o preenchimento dos mesmos, estes deviam ser devolvidos no envelope fechado. Garantiu-se, assim, o anonimato e a confidencialidade das respostas.

Foram realizados procedimentos estatísticos de modo a serem avaliadas as competências psicométricas do instrumento. Foram efectuadas correlações entre o ITRA e o SONI, com o objetivo de avaliar se os tipos de relacionamento amoroso propostos apresentavam necessidades ao nível dos objetos do *Self*. Realizou-se, também, correlações entre o ITRA e o QVA (Questionário de Vinculação Amorosa), de modo a verificar-se qual o estilo de vinculação que caracteriza os tipos de relacionamento estabelecidos pela autora, tendo-se, ainda, efetuado correlações entre o QVA e o SONI, com o objetivo de perceber se os estilos de vinculação refletem necessidades ao nível dos objetos do *Self* (Mesquita, 2012).

2. Escala de Avaliação da Satisfação em Áreas da Vida Conjugal EASAVIC) (cf. Anexo II)

2.1. Procedimentos de construção

Esta escala, construída por Narciso e Costa, em 1996, apoia-se no pressuposto de que a satisfação conjugal resulta de uma avaliação subjetiva e pessoal do casamento. Assim, as autoras conceberam um instrumento de auto-avaliação da satisfação que funcionasse como um indicador da satisfação experienciada em diversas áreas da vida conjugal global, mediante a análise da satisfação referida na totalidade das áreas (Narciso & Costa, 1996).

A análise fatorial da escala revelou, aquando da sua construção, uma estrutura bifatorial, sendo que os seus 44 itens se organizam em torno de cinco áreas da vida conjugal, relativas à dimensão funcionamento conjugal – funções familiares, tempos livres, autonomia, relações extra-familiares, e comunicação e conflitos – e de cinco áreas relativas à dimensão amor – sentimentos e expressão de sentimentos, sexualidade, intimidade emocional, continuidade, e características físicas e psicológicas. Dos 44 itens, 16 representam áreas cujo foco é o **casal**, 14 correspondem a áreas cujo foco é o **outro**, e 14 aludem a áreas que se focam no **próprio**. Trata-se de uma escala tipo Likert de seis pontos em que a resposta solicitada é dada em termos da satisfação do indivíduo: Nada Satisfeito (1); Pouco Satisfeito (2); Razoavelmente satisfeito (3); Satisfeito (4); Muito Satisfeito (5); Completamente Satisfeito (6) (Narciso & Costa, 1996).

De acordo com as autoras, ao se pedir aos sujeitos que avaliassem o seu grau de satisfação em cada um dos itens, tinha-se em consideração a definição de satisfação conjugal de Thompson (1988 cit. por Narciso & Costa, 1996), como resultado de uma avaliação pessoal e subjetiva de cada cônjuge em relação ao casamento, evitando, desta forma, um critério de avaliação externo aos indivíduos.

2.2. Estudo psicométrico da escala

Após a construção da escala, foi pedido a vários “juízes” que avaliassem o instrumento quanto à sua pertinência, exatidão, forma e compreensão da escala, quer no que diz respeito aos itens quer em relação às instruções fornecidas aos inquiridos. Posteriormente, a escala foi aplicada a uma amostra de 146 indivíduos casados, residentes em zonas urbanas, sendo as suas idades aleatórias bem como o tempo de casamento. O estudo psicométrico da escala demonstrou uma elevada consistência interna da mesma (*alpha de Cronbach* superior a .90). Foram evidenciadas vantagens relativamente à utilização desta escala, nomeadamente o facto de permitir discriminar áreas de força e de fragilidade, o que constitui um elemento de diagnóstico válido para a prática clínica. Uma das limitações da EASAVIC é o facto de não contemplar a área relativa aos filhos (a qual poderia ser importante avaliar ao ser aplicada a sujeitos com filhos), conhecendo-se a influência destes na vida conjugal.

Salienta-se que, no presente estudo, foi apenas utilizado para análise o resultado global da Escala.

3. Procedimento de Avaliação do *Self* (cf. Anexo II)

Com base numa revisão de literatura clínica, social e do desenvolvimento, Blatt, Bers & Schaffer (1992) identificaram e desenvolveram alguns aspetos relativos ao sentido do *Self*, dando origem a escalas através das quais é possível capturar dimensões importantes da representação do *Self*, ao longo de um espetro que vai desde a normalidade à psicopatologia grave. Foram, assim, desenvolvidas seis categorias de escalas para aplicar às descrições espontâneas do *Self*, como método para avaliar aspetos relevantes do sentido do *Self*, tanto em amostras clínicas como em amostras não clínicas.

O primeiro grupo de escalas diz respeito aos modos de descrição, o qual inclui: a) Modo predominante de representação (físico, comportamental, traços observáveis de personalidade, qualidades psicológicas internas); b) Substancialidade (o número de diferentes modos utilizados para descrever o *Self*); c) Nível concetual da descrição – desde as descrições globais, baseadas em sequências de ação ou na necessidade de gratificação, às descrições mais diferenciadas e integradas que incluem sentimentos, pensamentos e valores; o segundo grupo de escalas foi construído com o objetivo de avaliar o sentido de relação capturado na descrição: a) Articulação dos relacionamentos, b) Qualidade da relação; c) Ligação ao examinador; o terceiro grupo avalia determinadas variáveis cognitivas na representação do *Self*: a) Auto-reflexividade; b) Tolerância aos aspetos contraditórios do *Self* (e.g. forte vs. fraco); c) Diferenciação e integração (a forma como diferentes domínios são utilizados e integrados para descrever o *Self*); o quarto grupo avalia a forma como o sujeito se vê na descrição: a) Visão negativa-positiva; b) Autocrítica; c) Determinante/ambicioso; o quinto grupo prende-se com variáveis relativas ao desenvolvimento, incluindo a) Nível de relação (o grau em que as relações descritas são caracterizadas pela reciprocidade e empatia); b) Nível de autodefinição (grau de definição da identidade face a determinados objetivos e valores); c) Balanço entre relação e autodefinição; d) nível de integração; por último, o sexto grupo de escalas avalia a presença de variáveis afetivas, nas quais se incluem a) Ansiedade; b) Depressão, relativa ao *Self*, aos outros e à vida em geral.

Para o presente estudo, apenas foram utilizadas as escalas que mais interessavam considerando os objetivos do mesmo. Assim, optou-se pelas seguintes: 1) Nível Conceptual – a qual avalia o mais elevado nível de desenvolvimento cognitivo presente na descrição; 2) Articulação dos relacionamentos – indicadora da dimensão

da referência que o sujeito faz aos seus relacionamentos interpessoais; 3) Qualidade da relação – que reflete a qualidade dos sentimentos (e.g. sentimentos que indicam ligação vs. sentimentos que indicam distanciamento ou rejeição) para com os outros bem como a percepção que o sujeito tem dos sentimentos destes face ao próprio; 4) Auto-reflexividade – referente ao grau no qual a auto-descrição é dotada de introspeção; 5) Visão negativa-positiva – referente à visão que o sujeito tem do *Self*, o qual pode ser percebido de forma mais negativa e crítica, com expressão de julgamentos severos ou de negligência do *Self*, ou havendo, por outro lado, um sentido do *Self* estável, com sentimentos de confiança, força e sucesso; 6) Ansiedade – escala que reflete o grau em que o sujeito expressa (de forma direta ou indireta) tensão, preocupação, medos e ansiedade relativamente ao próprio, a outros ou à vida em geral; 7) Depressão – escala que se foca na referência (direta ou indireta) que o sujeito faz a sentimentos de tristeza ou se apatia face a si próprio, a outros ou à vida em geral. Foi realizado um estudo de precisão intercotadores com o propósito de garantir uma maior objetividade na atribuição das pontuações a cada uma das subescalas da prova.

d) Procedimentos no tratamento de dados

No presente estudo, todos os dados obtidos foram tratados informaticamente na base de dados, criada para o efeito, através do *software Statistical Package for the Social Sciences (SPSS), version 21*. Foram introduzidos os dados referentes aos sujeitos que compõem a amostra, criando-se, em seguida, as variáveis necessárias aos procedimentos de cada instrumento, de acordo com as suas normas de cotação.

Em relação ao ITRA, haviam sido cotados os questionários dos sujeitos, atribuindo-se pontuações de 1 a 5 às respostas. Indo ao encontro das normas de cotação do inventário, considerou-se que os sujeitos que obtiveram valores mais elevados nas questões associadas a determinada escala (Submisso-Idealizador, Eufórico-Idealizante e Evitante-Desnarcisante), evidenciavam o tipo de relacionamento amoroso correspondente. No caso da EASAVIC, como já foi referido, foi apenas utilizado para análise o resultado global da escala. Verificou-se que a média da satisfação global com a relação amorosa na amostra foi de 4.38; uma vez que as autoras do estudo não consideraram que o resultado global possa indicar, diretamente, níveis de satisfação positivos ou negativos, foram definidos três níveis de satisfação

no presente estudo, sendo um dos níveis registado dentro da média da amostra e os outros registados abaixo e acima da média. De forma a facilitar a interpretação dos resultados, considerou-se que tanto os valores registados dentro e acima da média constituíam graus de satisfação mais positivos. Por último, no que se refere ao Procedimento de Avaliação do *Self*, foram atribuídas pontuações de 1 a 9, 1 a 7 e 1 a 5, dependendo das pontuações definidas pelos autores para cada uma das escalas, sendo que valores mais elevados correspondem a qualidades ou representações internas consideradas mais positivas. É de salientar duas exceções, registadas em relação às escalas Ansiedade e Depressão, cuja pontuação é atribuída inversamente (o que faz, por exemplo, com que uma pontuação de 4 ou 5 equivalha, nestas, a um grau substancial ou severo de ansiedade ou depressão). Para a obtenção de um resultado global na prova, somou-se as pontuações do sujeito em cada uma das escalas (sendo que no caso das escalas Ansiedade e Depressão, a cotação foi feita inversamente, de forma que uma pontuação mais elevada significasse, tal como nas restantes escalas, qualidades mais positivas). Foram, igualmente, somadas todas as pontuações máximas possíveis de obter na prova, pelos sujeitos, estabelecendo-se uma “linha divisória” que permitisse opor resultados globais mais negativos e resultados globais mais positivos. Através deste procedimento, tornou-se possível ver que sujeitos aparentavam ter uma representação do *Self* mais negativa e quais os que pareciam possuir uma representação mais positiva.

Recorreu-se às seguintes técnicas de análise estatística: estatística descritiva, comparação de médias, correlação bivariada de Pearson e regressão linear múltipla.

CAPÍTULO IV

APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

1. Análises preliminares

Como análises preliminares, realizou-se o estudo da média do tipo de relacionamento amoroso predominante na amostra em estudo (cf. Quadro 1), verificando-se que o tipo mais frequente é o Submisso-Idealizador (33.8), seguido do Eufórico-Idealizante (4.8) e, por último, o Evitante-Desnarcisante (0.7).

Quadro 1.

Média dos tipos de relacionamento amoroso existentes na amostra

	Submisso- Idealizador	Eufórico- Idealizante	Evitante- Desnarcisante
Média	33.8	4.8	0.7

Relativamente à média da duração dos relacionamentos dos participantes, constatou-se que a maioria dos participantes tem um relacionamento com uma duração superior a 20 anos (31 participantes), tal como se pode observar no Quadro 2. Apurou-se que a média da satisfação global com a relação amorosa na amostra é de $M = 4.38$, sendo que, no Quadro 3, é possível verificar que a satisfação é menor nos primeiros anos da relação conjugal ou de união de facto, o que aliás é referido na literatura (e.g. Orbuch, House, Mero & Webster, 1996 cit. por Benkovskaia, 2008). Não obstante, as diferenças não são significativas, para além de se verificarem oscilações ao longo do tempo de relação.

Quadro 2.

Frequência da duração média dos relacionamentos

	1-4 anos	5-10 anos	11-15 anos	16-20 anos	>20 anos
Frequência	13	28	20	18	31

Quadro 3.

Média da satisfação global com a relação amorosa, consoante a duração da relação

Duração da relação	Satisfação com a relação	Desvio-Padrão
1-4 anos	4.32	0.696
5-10 anos	4.46	0.582
11-15 anos	4.38	0.547
16-20 anos	4.50	0.538
>20 anos	4.28	0.603

No Quadro 4, apresenta-se a média da satisfação nos sujeitos do sexo feminino e masculino, verificando-se resultados muito semelhantes para ambos.

Quadro 4.

Média da satisfação global com a relação amorosa nos sexos feminino e masculino

	N	Satisfação com a relação amorosa	Desvio-Padrão
Feminino	72	4.31	0.548
Masculino	38	4.52	0.633

A presença ou não de filhos parece não constituir uma diferença significativa em termos de menor ou maior satisfação com a relação amorosa, sendo as respetivas médias de 4.32 e 4.55 (cf. Quadro 5). O mesmo é possível referir relativamente ao número de filhos (cf. Quadro 6): a satisfação é maior quando não existem filhos (M = 4.55), verificando-se o oposto nos casos em que existem quatro filhos. Não obstante, tais diferenças não se revelam significativas. Verifica-se também que, quando existem filhos, a satisfação com a relação amorosa é mais elevada quando estes se situam na faixa etária dos 1-5 anos (M = 4.41) e com idade igual ou superior a 23 anos (M = 4.41); a faixa etária relacionada com o nível mais baixo de satisfação é a dos 17-22 anos (M = 4.10) (cf. Quadro 7). É, ainda, de referir que se observa (cf. Quadro 8) uma maior satisfação quando os filhos já não se encontram a viver com os pais (M = 4.40), comparativamente ao contrário (M = 4.32), ainda que as diferenças não sejam significativas.

Quadro 5.

Média da satisfação com a relação amorosa consoante a existência ou não de filhos

Existência de filhos	Satisfação com a relação	Desvio-Padrão
Sim	4.32	0.543
Não	4.55	0.666

Quadro 6.

Média da satisfação com a relação amorosa consoante o número de filhos

Número de filhos	Satisfação com a relação	Desvio-Padrão
0	4.55	0.666
1	4.23	0.544
2	4.44	0.519
3	4.53	0.542
4	3.81	0.538

Quadro 7.

Média da satisfação com a relação amorosa segundo a idade dos filhos

Idade dos filhos	Satisfação com a relação	Desvio-Padrão
1-5 anos	4.41	0.209
6-11 anos	4.30	0.603
12-16 anos	4.38	0.440
17-22 anos	4.10	0.712
>= 23 anos	4.41	0.506

Quadro 8.

Média da satisfação com a relação amorosa nos sujeitos que têm filhos ainda a viver consigo os sujeitos cujos filhos já saíram de casa

Filhos a viver em casa	Satisfação com a relação	Desvio-Padrão
Sim	4.32	0.553
Não	4.40	0.407

Por último, relativamente à representação do *Self*, observa-se que a maioria dos sujeitos da amostra (102), obteve valores que correspondem a uma representação global positiva, sendo que apenas 8 sujeitos registaram valores negativos. No Quadro 9 apresentam-se os respetivos resultados.

Quadro 9

Frequência da representação positiva e negativa do Self

	Representação do <i>Self</i> Positiva	Representação do <i>Self</i> Negativa
Frequência	102	8

2. Estudo das características psicométricas dos instrumentos

Segundo Maroco e Garcia-Marques (2006), a fiabilidade de uma medida diz respeito à capacidade de esta ser consistente. Se um instrumento de medida fornece sempre resultados equivalentes, quando aplicado a alvos estruturalmente semelhantes, é possível confiar no significado da medida, sendo a mesma *fiável*. Considera-se que o estudo da consistência interna de um instrumento constitui uma estimativa da sua fiabilidade. O coeficiente de *alpha de Cronbach* – variando os seus valores entre 0 e 1 – propõe uma estimativa da consistência interna a partir das variâncias dos itens e dos totais do teste por sujeito. (Maroco e Garcia-Marques, 2006). Apresenta-se, no quadro abaixo, os valores obtidos para o coeficiente de *alpha de Cronbach* dos instrumentos utilizados.

Quadro 10

Valores do Coeficiente de alpha de Cronbach dos instrumentos

	EASAVIC	ITRA
<i>Alpha de Cronbach</i>	96	.84

No que respeita à escala EASAVIC, o valor do coeficiente de *alpha de Cronbach* obtido (.96) regista-se dentro do valor esperado e do obtido por Narciso e Costa (1996), cujo valor alcançado foi superior a .90.

Relativamente ao inventário ITRA, refere-se que o valor obtido do coeficiente de *alpha de Cronbach* foi de .84, sendo o mesmo revelador de consistência interna. Foram, ainda, calculados os alfas para cada uma das subescalas que compõe o ITRA – Submisso-Idealizador, Eufórico-Idealizante e Evitante-Desnarcisante (Quadro 11). Deste modo, a subescala Submisso-Idealizador apresenta um valor de *alpha de Cronbach* de .77, o qual é considerado um bom indicador de consistência interna; o valor em questão aproxima-se consideravelmente do obtido por Mesquita (2012) – valor de .79 – no seu estudo. No que respeita à subescala Eufórico-Idealizante, verifica-se um valor de *alpha de Cronbach* de .82, muito semelhante ao obtido pela autora (2012) (.83). Finalmente, a subescala Evitante-Desnarcisante apresenta um valor de *alpha de Cronbach* de .84, o qual é ligeiramente superior ao obtido por Mesquita (2012) – .81.

Quadro 11

Valores do Coeficiente de alfa de Cronbach das Subescalas do ITRA

	Submisso- Idealizador	Eufórico- Idealizante	Evitante- Desnarcisante
<i>Alpha de Cronbach</i>	.77	.82	.84

3. Estudo das hipóteses

Estudo de H1: Não existem diferenças estatisticamente significativas entre os géneros no que respeita ao tipo de relacionamento amoroso que visa o reparo narcísico.

Para dar resposta ao objetivo em questão recorreu-se à estatística descritiva dos géneros feminino e masculino, com os três tipos de relacionamento amoroso (Submisso-Idealizador, Eufórico-Idealizante e Evitante-Desnarcisante), observando-se as médias resultantes. Como é possível constatar no Quadro 12, a média do sexo feminino para o tipo de relacionamento Submisso-Idealizador (M= 34.16) é superior em comparação com os outros tipos de relacionamento amoroso, seguido do Eufórico-Idealizante (M= 4.95) e do Evitante-Desnarcisante (M= 0.54).

Quadro 12

Estatística descritiva do género Feminino com os três tipos de relacionamento amoroso

Tipo de Relacionamento Amoroso	Média	Desvio-Padrão
Submisso-Idealizador	34.16	27.32
Eufórico-Idealizante	4.95	16.67
Evitante-Desnarcisante	0.54	4.59

Relativamente ao sexo masculino, também se verifica (cf. Quadro 13) que a média para o tipo de relacionamento amoroso Submisso-Idealizador (M= 33.15) é superior aos outros tipos de relacionamento amoroso, seguido do Eufórico-Idealizante (M= 4.50) e, por fim, do Evitante Desnarcisante (M= 1.00).

Quadro 13

Estatística descritiva do género Masculino com os três tipos de relacionamento amoroso

Tipo de Relacionamento	Média	Desvio-Padrão
Amoroso		
Submisso-Idealizador	33.15	27.30
Eufórico-Idealizante	4.50	15.64
Evitante-Desnarcisante	1.00	6.16

Não se verificam diferenças de género estatisticamente significativas no que concerne ao tipo de relacionamento amoroso. Deste modo, confirma-se a Hipótese apresentada.

Estudo de H2: Existe uma correlação estatisticamente significativa entre uma maior duração da relação e uma maior satisfação com a relação amorosa.

Tal como se encontra representado no Quadro 14, observa-se uma correlação moderada negativa, de $r = -.44$, entre uma maior duração da relação amorosa e um nível de satisfação com a mesma registado acima da média da amostra. Ao fazer o mesmo tipo de análise considerando, desta vez, um nível de satisfação correspondente ao da média da amostra, verificou-se uma correlação negligenciável positiva, de $r = .11$.

Quadro 14

Correlações entre uma maior duração da relação amorosa e os níveis de satisfação dentro e acima da média da amostra

Duração da relação amorosa	Satisfação dentro da média	Satisfação acima da média
	.11	-.44

Nota: N= 110

Assim, não se verificando correlações que sejam estatisticamente significativas, a Hipótese 2 não se confirma, concluindo-se que relações amorosas mais duradouras não implicam maiores níveis de satisfação.

Estudo de H3: Espera-se que existam diferenças estatisticamente significativas na satisfação com a relação amorosa entre os sujeitos que têm filhos a viver em sua casa e aqueles cujos filhos saíram.

Para dar resposta ao objetivo em questão recorreu-se à comparação de médias dos sujeitos que têm filhos ainda a viver em casa e dos que não têm. Como é possível verificar abaixo, no Quadro 15, a média da satisfação com a relação relativamente aos sujeitos que têm filhos a viver em casa (M= 4.32) é semelhante à dos sujeitos cujos filhos já saíram (M= 4.40), verificando-se apenas uma ligeira superioridade nestes últimos.

Quadro 15

Comparação de médias entre os sujeitos que têm filhos a viver em sua casa e dos sujeitos cujos filhos já saíram, em termos da satisfação com a relação amorosa

Filhos a viver em casa	Média	Desvio-Padrão
Sim	4.32	0.553
Não	4.40	0.407

Não se verificam, assim, diferenças estatisticamente significativas que permitam dizer que os sujeitos cujos filhos saíram de casa são mais satisfeitos do que aqueles cujos filhos se mantêm a viver consigo. Deste modo, não se confirma a hipótese colocada, rejeitando-se H3.

Estudo de H4: Espera-se os tipos de relacionamento amoroso se correlacionem de forma significativa e positiva com uma menor satisfação com a relação.

No que respeita aos dados obtidos para um nível de satisfação registado abaixo da média da amostra, observa-se uma correlação moderada positiva, de $r = .45$, entre o mesmo e o tipo Submisso-Idealizador. Esta correlação, ainda que moderada, não se revelou estatisticamente significativa. Verificam-se correlações fracas negativas, de $r = -.34$, não significativas, entre os tipos Eufórico-Idealizante e Evitante-Desnarcisante e este nível de satisfação.

Do mesmo modo, também não se verificam correlações estatisticamente significativas no que diz respeito a um nível de satisfação registado dentro da média. É de referir uma correlação negligenciável negativa, de $r = -.11$, no que se refere aos sujeitos que apresentam um tipo de relacionamento amoroso Submisso-Idealizador. Observa-se que não existe relação linear entre o tipo Eufórico-Idealizante e uma satisfação registada dentro da média, sendo que $r = -.07$. Já em relação ao tipo Evitante-Desnarcisante, verifica-se uma correlação negligenciável negativa, de $r = -.15$.

Por último, ao se analisarem os dados obtidos para um nível de satisfação registado acima da média da amostra, pode mencionar-se que não existe relação linear no caso do tipo de relacionamento Submisso-Idealizador, sendo $r=.04$. Refere-se não ser possível fazer qualquer análise no que diz respeito aos tipos Eufórico-Idealizante e Evitante-Desnarcisante, dado que nenhum dos respetivos sujeitos revela um nível de satisfação registado acima da média.

Quadro 16

Correlações entre os três tipos de relacionamento amoroso e a satisfação com a relação

Tipo de Relacionamento Amoroso	Satisfação abaixo da média	Satisfação dentro da média	Satisfação acima da média
Submisso-Idealizador	.45	-.11	.04
Eufórico-Idealizante	-.34	-.07	.
Evitante-Desnarcisante	-.34	-.15	.

Desta forma, a Hipótese 4 não se confirma, visto não se terem registado correlações estatisticamente significativas e positivas entre os três tipos de relacionamento amoroso e um menor nível de satisfação (cf. Quadro 16).

H5: Verificam-se correlações estatisticamente significativas entre os três tipos de relacionamento amoroso e representações fragilizadas do *Self*.

Focando-nos, agora, na existência ou não de correlações estatisticamente significativas entre os três tipos de relacionamento amoroso e representações mais fragilizadas do *Self*, é possível verificar (cf. Quadro 17) uma correlação negligenciável negativa, de $r= -.13$, entre o tipo Submisso-Idealizador e uma representação do *Self* fragilizada. Opostamente, confirma-se uma correlação positiva, de $r= .30$, $p < .01$, e estatisticamente significativa entre o tipo Eufórico-Idealizante e uma representação do

Self fragilizada, não existindo, por outro lado, relação linear ($r = -.03$) entre o tipo Evitante-Desnarcisante e uma representação do *Self* deste tipo.

Quadro 17

Correlações entre os três tipos de relacionamento amoroso e uma representação fragilizada do Self

Tipo de relacionamento Amoroso	Representação fragilizada do <i>Self</i>
Submisso-Idealizador	-.13
Eufórico-Idealizante	.30**
Evitante-Desnarcisante	-.03

** $p < .01$

Desta forma, a Hipótese 4 não se confirma, uma vez que apenas o tipo de relacionamento amoroso Eufórico-Idealizante apresenta resultados positivos significativos referentes a uma representação do *Self* mais fragilizada.

H6: Espera-se que a representação positiva do *Self* se revele, em comparação com os tipos de relacionamento amoroso, um melhor preditor da satisfação com a relação amorosa.

Pretendendo-se apurar se a representação do *Self* dos sujeitos se revela melhor preditor da satisfação com a relação amorosa em comparação com o tipo de relacionamento amoroso estabelecido, recorreu-se à técnica da regressão linear múltipla. Assim, ainda que se tenha procedido à análise da significância estatística global do modelo de regressão, o principal objetivo foi testar a significância individual de cada um dos preditores (variáveis independentes) – tipos de relacionamento amoroso e representação do *Self*.

Como se observa no Quadro 19, as variáveis preditoras apenas conseguem explicar, em média, 12.9% da variação da variável dependente. Não obstante, o modelo apresenta significância estatística ($p = 0,001$; isto é, $p = < 0,005$) (cf. Quadro 20).

Quadro 18

Modelo de regressão linear múltipla – quadro correspondente à síntese do modelo

Modelo	R	R ²	R ² ajustado	Desvio-Padrão
1	,402	,161	,129	,54840

Quadro 19

Modelo de regressão linear múltipla – tabela ANOVA

Modelo	Soma dos Quadrados	Graus de liberdade	Média quadrática	F	Sig.
Regressão	6,012	4	1,503	4,998	,001
Residual	31,277	104	,301		
Total	37,289	108			

Sendo o principal objetivo conhecer se todos ou apenas alguns preditores contribuem significativamente para explicar a satisfação com a relação amorosa, averiguou-se qual o contributo individual de cada preditor, confirmando-se um maior peso da representação do *Self* ($\beta = 0,354$, $t = 3,782$, $p = 0,000$) na satisfação, comparativamente ao peso exercido pelos tipos de relacionamento amoroso, os quais não possuem a capacidade de predizer a satisfação. Verifica-se, ainda, que o tipo de

relacionamento Evitante-Desnarcisante parece contribuir de forma negativa para a mesma ($\beta = -,208$, $t = -2,271$, $p = ,025$) (cf. Quadro 21).

Quadro 20

Modelo de regressão linear múltipla – tabela Coeficientes

Modelo	Coeficiente não padronizado		Coeficiente padronizado	t	Sig.
	B	Desvio- Padrão	Beta		
(Constante)	3,423	,287		11,927	,000
Tipo Sub_Idealizador	-,002	,002	-,085	-,856	,394
Tipo Euf_Idealizante	-,001	,004	-,013	-,136	,892
Tipo Evit_Desnarcisante	-,024	,010	-,208	-2,271	,025
Representação do Self	,242	,064	,354	3,782	,000

Deste modo, confirma-se a Hipótese 6, uma vez que se verifica um maior contributo – e significativo – da representação positiva do *Self* na satisfação com a relação amorosa, comparativamente aos tipos de relacionamento amoroso apresentados pelos sujeitos.

CAPÍTULO V

DISCUSSÃO

Reconhecendo-se que o *Self*, enquanto estrutura, se forma a partir da interação com os outros significativos e que, quando falhas graves ocorrem neste processo – ainda num período precoce da vida – passíveis de condicionar todo o desenvolvimento posterior, verifica-se uma tendência da parte do indivíduo para procurar, mais tarde, relacionamentos amorosos cuja função principal é possibilitar a completção do que falta ao *Self* para poder progredir no seu desenvolvimento. Ao estabelecer relações com esta finalidade, o indivíduo hipoteca, contudo, o desenvolvimento saudável da relação, continuando a faltar ao *Self* a capacidade de regular adequadamente a autoestima e, em casos de maior fragilidade do *Self*, a impossibilidade de ter um *Self* mais coeso e estável. Para além de impedirem a descoberta do próprio, estas falhas narcísicas comprometem o desenvolvimento de uma relação que permita a descoberta do outro, bem como a própria partilha amorosa (Mesquita, 2013). Por esta razão, considera-se que o nível de diferenciação do *Self* – estrutura que comporta a capacidade de autorregulação emocional e de integração das necessidades de autonomia (Bowen, 1979 cit. por Ferreira et al., 2014) – desempenha um importante papel na satisfação com a relação amorosa ou conjugal (Peleg, 2008; Skowron, 2000; cit. por Ferreira et al., 2014).

Num estudo que teve como amostra sujeitos com idades entre os 30 e os 55 anos e que se encontram atualmente numa relação amorosa com alguma estabilidade, verificou-se uma predominância do tipo Submisso-Idealizador. A investigação psicanalítica no âmbito dos relacionamentos amorosos tem-se focado, sobretudo, na repetição de padrões relacionais interiorizados; não obstante, é importante reconhecer a estrutura do *Self* como sendo dotada de uma capacidade reflexiva e de uma plasticidade possibilitadoras de modificações salutogéneas. Tendo sido alvo de análise mais aprofundada, no presente estudo, os sujeitos que correspondiam a um dos três tipos de relacionamento amoroso, não foi possível verificar resultados que apontassem para uma relação significativa entre os tipos de relacionamento e uma menor satisfação amorosa, verificando-se, ainda assim, a inexistência de níveis de satisfação positivos (e significativos) nestes sujeitos; salienta-se a relação existente entre o tipo de relacionamento Eufórico-Idealizante e uma representação fragilizada do *Self*, bem

como o significativo contributo da representação do *Self* que o indivíduo possui para a satisfação com a relação. Serão adiante discutidos os principais resultados obtidos, e analisados aqueles que não vão ao encontro das conclusões retiradas de investigações anteriores.

A discussão dos resultados organiza-se de acordo com as variáveis estudadas, na qual se irá discutir os resultados obtidos nas comparações de médias, correlações e regressão linear múltipla realizadas para estudar as hipóteses propostas.

No que diz respeito ao estudo da Hipótese 1, pretendeu-se averiguar se existem diferenças de género estatisticamente significativas no que se refere aos tipos de relacionamento amoroso estabelecidos, não tendo sido os resultados estatisticamente significativos. Ainda, assim, verifica-se que quer os indivíduos do sexo masculino quer os do sexo feminino apresentam, maioritariamente, um funcionamento do tipo Submisso-Idealizador, no qual o outro adquire uma funcionalidade de complemento do próprio; tal como salienta Kohut (1977 cit. por Mesquita, 2013), o objeto amoroso não passa de um *objeto do Self*, cuja função é proporcionar ao próprio um ganho narcísico. Neste tipo de relacionamento – embora mais saudável que os outros dois – o que o sujeito procura na relação é uma imagem mais valorizada e reconhecida de si próprio, uma vez que o seu *Self*, apesar de coeso, está desvalorizado e percebe-se como inferior e diminuído. No que respeita aos tipos de relacionamento Eufórico-Idealizante e Evitante-Desnarcisante, considera-se que os mesmos correspondem a funcionamentos mais desajustados, sendo mais evidente a insatisfação com o próprio e com os outros, bem como a negação da necessidade do outro.

Tal como referido anteriormente, a duração da relação amorosa é apontada como sendo um dos fatores que influenciam a satisfação com a mesma (Bradbury et al., 2000 cit. por Li & Fung, 2011), ainda que não haja consenso relativamente a qual o período da relação em que se verificam maiores níveis de satisfação. Constituindo-se como um espaço de relação que possibilita a descoberta do outro, a relação amorosa deve permitir o desenvolvimento de ambos os elementos que a compõem (Mesquita, 2013). Segundo Mesquita (2013), a relação saudável é uma relação de constância, na qual a partilha amorosa se renova a partir de cada interação. Assim sendo, é possível pensar que a longevidade de uma relação amorosa – quando salutogénea – tem a capacidade de torná-la mais satisfatória, mediante a capacidade de renovação dos laços afetivos e criatividade na descoberta do próprio e do outro. Porém, de acordo

com Mesquita (2013), quando não existe um enriquecimento narcísico mútuo, também não existirá um prazer recíproco na valorização e reconhecimento nas competências de amar do outro; o outro cumpre uma função que na relação precoce não foi possível cimentar. Relativamente ao estudo da Hipótese 2, tinha-se como objetivo verificar se os sujeitos que estão numa relação amorosa há mais tempo evidenciam uma maior satisfação; os resultados obtidos não foram reveladores de correlações estatisticamente significativas, não sendo possível associar uma satisfação mais elevada ou, pelo menos, mais positiva, a relações mais longas, pelo que foi rejeitada a Hipótese 2; do mesmo modo, relações amorosas com maior duração, também não implicam níveis de satisfação inferiores. É, assim, possível pensar que o outro existe no lugar de uma função; a satisfação é com o próprio e não com a relação, estando o sujeito preocupado com a visão do seu *Self* e não com o outro enquanto sujeito ou com a relação de reciprocidade (Mesquita, 2013).

Do mesmo modo que, numa relação amorosa, é desejável que os elementos do casal se desenvolvam um com o outro, mediante as suas experiências e trocas afetivas, é importante que a relação com os filhos cumpra uma função semelhante, no de sentido de contribuir para o desenvolvimento do indivíduo (Mesquita, 2013), mas também da própria relação de casal. Assim, como já havia sido referido anteriormente, a existência de filhos é um dos fatores que parece influenciar a satisfação com a relação amorosa. Quando, numa fase mais avançada da relação, se regista o acontecimento da saída dos filhos de casa, supõe-se o início de uma etapa de reinvestimento na relação, encontrando-se os elementos do casal mais independentes psicologicamente (Narciso, 2001 cit. por Teves, 2008). Por esta razão, mediante a colocação da Hipótese 3, considerou-se importante perceber, considerando os casos cujos sujeitos têm filhos, se existe uma correlação estatisticamente significativa entre a saída dos mesmos de casa e uma maior satisfação com a relação amorosa. Verificou-se um nível de satisfação ligeiramente maior nos sujeitos que já não têm os filhos a viver consigo; contudo, sendo apenas ligeira essa diferença, não é possível relatar diferenças significativas entre os sujeitos que ainda têm os filhos em casa e os que não têm, pelo que se rejeita a Hipótese 3. Tal ausência de diferenças significativas pode dever-se ao peso que outros fatores exercem na satisfação com a relação amorosa. Numa altura em que os filhos saem de casa, pressupõe-se que o casal tem uma maior disponibilidade para a recriação da relação, no entanto, parece não haver consciência da necessidade de investimento na mesma.

Com o objetivo de apurar se os sujeitos que evidenciavam um dos tipos de relacionamento amoroso revelavam menores níveis de satisfação com a relação amorosa, e indo ao encontro da Hipótese 4, realizaram-se correlações entre as duas variáveis. A hipótese foi rejeitada visto tal não se ter verificado. Salienta-se que os dados relativos ao tipo Submisso-Idealizador e a um nível de satisfação situado abaixo da média da amostra apontam, apesar do anteriormente referido, para uma menor satisfação em comparação com os outros tipos. Ainda que os resultados não sejam estatisticamente significativos, os sujeitos que revelam este tipo de relacionamento parecem estar menos satisfeitos do que os restantes. É de referir, igualmente, o facto de os sujeitos da amostra que apresentam estas modalidades de relacionamento não revelarem, tão-pouco, graus de satisfação que possam ser vistos como sendo mais positivos.

Como havia sido mencionado anteriormente, os tipos de relacionamento amoroso que visam a colmatação de falhas sentidas ao nível do *Self*, têm em comum o facto de o outro cumprir uma função na relação; uma função psicológica que visa a completação. As dificuldades relacionais do indivíduo continuam por preencher apesar da existência do outro, uma vez que o investimento não é na relação mas no outro, que existe para desempenhar a função que o próprio não tem capacidade para desenvolver. Assim, há uma impossibilidade de ver a relação como um terceiro, composto por dois elementos e pela sua interação (Mesquita, 2013).

Salienta-se, mais uma vez, que o facto de a amostra do presente estudo contar com menos sujeitos que apresentam relação com os tipos de relacionamento Eufórico-Idealizante e Evitante-Desnarcisante, implica que não seja possível aprofundar algumas das correlações realizadas.

No presente estudo, havia também o objetivo de apurar se existe ligação entre os tipos de relacionamento amoroso e representações mais fragilizadas do *Self*, pelo que foram realizadas correlações com essa finalidade. Rejeitou-se a Hipótese 5 dado se ter verificado que apenas um dos tipos de relacionamento amoroso se correlaciona significativamente com uma representação fragilizada do *Self*: constatou-se a existência de uma correlação positiva e estatisticamente significativa entre o tipo Eufórico-Idealizante e uma representação do *Self* assim caracterizada; a representação do *Self* dos indivíduos que revelam esta modalidade de relacionamento demarca-se, precisamente, pela fragilidade e falta de coesão, surgindo a necessidade de o outro desempenhar mais funções ao nível psicológico – através da ligação ao

outro é possível o sujeito ter uma visão mais definida e estável do seu *Self*. O objeto assume uma função organizadora do *Self* que, no fundo, não se desenvolveu (Mesquita, 2013). Ao passo que o indivíduo Submisso-Idealizador está mais centrado na imagem sexuada (desvalorizada), no indivíduo Eufórico-Idealizante predomina uma visão menos coesa e integrada do *Self*; no primeiro, verifica-se uma dependência excessiva do outro para a regulação da autoestima, a qual origina comportamentos de subserviência masoquista com a finalidade de impedir a perda do objeto – necessário ao engrandecimento do *Self* –; no segundo, as relações estabelecidas são mediadas pela inveja e pela agressividade face ao objeto, procurando-se uma libertação dos sentimentos de desvalorização mediante a projeção das partes negativas do *Self* no outro (Mesquita, 2013). Os resultados referentes ao tipo de relacionamento amoroso Submisso-Idealizador, ainda que não sejam estatisticamente significativos, correlacionam-se negativamente com uma representação do *Self* mais fragilizada, o que se justifica com o anteriormente referido.

Por fim, e tratando-se o último objetivo de observar, mediante a técnica da regressão linear múltipla, se existia um maior contributo de uma representação do *Self* positiva na satisfação com a relação amorosa, comparativamente à influência do tipo de relacionamento amoroso, foi possível verificar que a primeira variável independente prediz de forma significativa a variável dependente satisfação, confirmando-se, por isso, a Hipótese 6. Tal resultado permite concluir que a representação que o sujeito tem de si próprio determina, em maior grau, a satisfação com a sua relação amorosa, o que se pode justificar pelo facto de serem as falhas ocorridas no desenvolvimento do *Self* que levam o indivíduo a estabelecer relações deste cariz – as quais visam, como anteriormente referido, a completação, a colmatação destas mesmas falhas, sem que haja verdadeiramente um investimento no outro e na relação, permanecendo a insatisfação. Apesar de certas experiências relacionais possibilitarem, como refere Coimbra de Matos (2002 cit. por Mesquita, 2013), a *retoma do desenvolvimento suspenso*, o que se verifica é que o que caracteriza muitas relações amorosas é uma rigidez e uma falta de abertura a novas possibilidades (Mesquita, 2013), o que faz com que tais relações não sejam verdadeiramente transformadoras e potenciadoras de uma representação mais valorizada do próprio. Ainda que os tipos de relacionamento amoroso referidos se baseiem na procura de completar o que falta ao *Self*, a vulnerabilidade do indivíduo a este nível iniciou-se num período muito precoce da sua vida e tende a prolongar-se no tempo, pelo que faz sentido que seja a representação do *Self* a predizer, com maior peso, a satisfação do indivíduo na relação de amor.

CAPÍTULO VI

CONCLUSÕES

A relação amorosa parece ser uma das que maior potencial tem para contribuir para o desenvolvimento do indivíduo pois, segundo Mesquita (2013), o amor fortalece o *Self* e este, uma vez fortalecido, maior capacidade tem para estabelecer relações verdadeiras e com profundidade. Aspeto enfatizado neste estudo foi o de que o sentimento de amor nos remete para a forma mais básica de relações de objeto – focadas nos desejos e necessidades do bebé (Balint, 1968 cit. por Mitchell, 1988). Assim, um relacionamento amoroso, envolvendo a interação entre duas pessoas a um nível mais íntimo, possibilita o contacto inconsciente com experiências relacionais da infância (Mesquita, 2013).

O presente estudo teve como objetivo geral perceber de que forma os tipos de relacionamento amoroso que se estabelecem e a representação do *Self* influenciam a satisfação com a relação amorosa. Como referido anteriormente, os tipos de relacionamento amoroso abordados – *Submisso-Idealizador*, *Eufórico-Idealizante* e *Evitante-Desnarcisante* – decorrem das necessidades narcísicas, com origem no sentimento de vulnerabilidade narcísica do *Self*, desenvolvendo-se com a finalidade de reparar o que ficou bloqueado em termos de desenvolvimento do *Self*. Como consequência, nestes tipos de relacionamento, o outro desempenha uma função que falta ao próprio, existindo com vista à completação (Mesquita, 2013).

Após a análise e discussão dos resultados, é possível retirar algumas conclusões deste estudo e refletir acerca das suas limitações. Visando os três tipos de relacionamento amoroso a reparação de falhas sentidas ao nível do *Self*, um dos principais resultados verificados foi o de que os indivíduos que revelam estas modalidades de relacionamento não possuem uma representação do *Self* que se possa considerar positiva e dotada de coesão, visto não se observarem resultados compatíveis com níveis de satisfação mais positivos. Também uma relação de duração mais longa tal como a saída dos filhos de casa não se ligam de forma significativa com uma maior satisfação amorosa, pelo que podemos concluir que a satisfação do indivíduo com a sua relação é algo que depende de um conjunto de fatores inerentes ao funcionamento psicológico, sobretudo da capacidade de

integração de experiências transformadoras (para além daquelas vividas na infância), capazes de colmatar falhas anteriores.

Inerentes ao trabalho realizado estão presentes, contudo, algumas limitações. O facto de o protocolo de investigação ser constituído por questionários/provas de natureza muito íntima pode ter condicionado algumas respostas levando, possivelmente, alguns sujeitos a optar por respostas mais desejáveis em termos da forma como estão na sua relação amorosa. Assim, considera-se pertinente que, em investigações futuras, haja a oportunidade de o investigador realizar alguns encontros prévios com os sujeitos constituintes da amostra do seu estudo, de forma a poder estabelecer com os mesmos uma confiança que permita respostas mais sinceras e concordantes com os sentimentos dos indivíduos. Também uma aplicação totalmente realizada em grupos poderia favorecer respostas deste tipo, visto que o sujeito se poderia sentir mais confortável no momento de responder a questões mais íntimas.

Uma outra limitação do presente estudo relaciona-se com o facto de a cotação do Procedimento de Avaliação do *Self* se caracterizar por alguma falta de objetividade, sendo a objetividade a este nível uma característica essencial numa investigação que recorre à análise quantitativa de dados, o que faz com que este instrumento comporte algumas desvantagens na sua utilização em estudos empíricos. Ainda relativamente a esta prova, verificou-se que a maioria das descrições dos sujeitos se centram em aspetos que as pessoas mais comumente abordam ao falar sobre si – características mais frequentes apontadas, como por exemplo, ser “simpático”, “amigo” ou “trabalhador” – o que faz com que decorram daqui algumas limitações para o estudo, pois as respostas dos sujeitos revelam pouco acerca das suas qualidades e representações mais internas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Almeida, L. S. & Freire, T. (2003). *Metodologia da Investigação em Psicologia e Educação* (3ª ed.). Braga: Psiquilibrios.
- Andrade, A. L., Garcia, A. & Cano, D. S. (2009). Preditores da satisfação global em relacionamentos românticos. *Psicologia: Teoria e Prática*, 11(3), 143-156. Retrieved from <http://www.redalyc.org/pdf/1938/193814403012.pdf>
- Balint, M. (1968). Primary love. In M. Balint (Ed.), *The basic fault: therapeutic aspects of regression* (pp. 64-72). London: Tavistock Publications.
- Banai, E., Mikulincer, M. & Shaver, P. R. (2005). "Selfobject" needs in Kohut's self psychology: links with attachment, self-cohesion, affect regulation, and adjustment. *Psychoanalytic Psychology*, 22(2). doi: 10.1037/0736-9735.22.2.224
- Bartholomew, K. & Horowitz, L. (1991). Attachment styles among young adults: a test of a four-category model. *Journal of personality and social psychology*, 61(2), 226-244. doi:10.1037/0022-3514.61.2.226
- Benkovskaia, I. V. (2008). *Satisfação conjugal, afetividade e proximidade ao cônjuge – diferenças entre casais com filhos e sem filhos ao longo dos anos de relação* (Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal). Retrieved from <http://hdl.handle.net/10451/703>
- Berscheid, E. & Lopes, J. (1997). A temporal model of relationship satisfaction and stability. In R. J. Sternberg & M. Hojjat (Eds.), *Satisfaction in close relationships* (pp.129-159). New York: The Guilford Press.
- Bowlby, J. (1979). *The making & breaking of affectional bonds*. London: Tavistock Publications.
- Bradbury, T. N., Fincham, F. D. & Beach, S. R. (2000). Research on nature and determinants of marital satisfaction. A decade in review. *Journal of Marriage and the Family*, 62(4), 964-980. doi: 10.1111/j.1741-3737.2000.00964.x

- Brezsnyak, M. & Whisman, M. A. (2004). Sexual desire and relationship functioning: the effects of marital satisfaction and power. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 30(3), 199-217. doi:10.1080/00926230490262393
- Campos, R. C. (2003). Síntese integrativa dos aspetos centrais da perspectiva teórica de Sidney Blatt sobre o desenvolvimento da personalidade e sobre a psicopatologia. *Revista Portuguesa de Psicossomática*, 5(1), 91-99. Retrieved from <http://www.redalyc.org/pdf/287/28750110.pdf>
- Coimbra de Matos, A. (1983). Textos sobre Narcisismo, Depressão e Masoquismo. *Análise Psicológica*, 4(3), pp. 409-424. Retrieved from <http://hdl.handle.net/10400.12/1701>
- Diamond, D., Blatt, S. J., Stayner, D. & Kaslow, N. (1991). *Self-other differentiation of object representations*. Unpublished research manual, Yale University.
- Ducharne, M. A. (2000). *Elementos para um modelo teórico do desenvolvimento do self: os fatores preditores da auto-perceção de competência em crianças de cinco anos* (Tese de doutoramento, Universidade do Porto, Porto, Portugal). Retrieved from <http://hdl.handle.net/10216/41638>
- Fairbairn, W. R. (1941). A revised psychopathology of the psychoses and psychoneuroses. *International Journal of Psycho-Analysis*, 22(2&3), pp. 250-279. Re-impresso em: *Psychoanalytic studies of the personality* (pp. 28-58). London: Tavistock, 1952.
- Feeney, J. A., Noller, P. & Ward, C. (1997). Marital satisfaction and spousal interaction. In R. J. Sternberg & M. Hojjat (Eds.), *Satisfaction in close relationships* (pp. 160-189). New York: The Guilford Press.
- Fehr, B. (2013). The social psychology of love. In J. A. Simpson & L. Campbell (Eds.), *The Oxford handbook of close relationships* (pp. 201-233). Oxford: Oxford University Press.
- Ferreira, L. C., Narciso, I., Novo, R. F. & Pereira, C. R. (2014). Predicting couple satisfaction: the role of differentiation of self, sexual desire and intimacy in heterosexual individuals. *Sexual and Relationship Therapy*, 29(4), 390-404. doi:10.1080/14681994.2014.957498

- Fincham, F. D., Beach, S. R. H. & Kemp-Fincham, S. I. (1997). Marital quality: a new theoretical perspective. In R. J. Sternberg & M. Hojjat (Eds.), *Satisfaction in close relationships* (pp. 275-304). New York: The Guilford Press.
- Fonagy, P. & Target, M. (1998). An interpersonal view of the infant. In A. Hurry (Ed.), *Psychoanalysis and developmental therapy* (pp. 3-31). London: Karnac Books.
- Freud, S. (1914). Sobre o narcisismo: uma introdução (Vol. XIV, pp. 83-119). Edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Freud, S. (1915). *Os instintos e as suas vicissitudes* (Vol. XIV, pp. 117-144). Edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago.
- Goldblatt, M. J. & Maltzberger, J. T. (2010). Self attack as a means of self-preservation. *International Journal of Applied Psychoanalytic Studies*, 7(1), 58-72. doi:10.1002/aps.228
- Greenberg, J. R. & Mitchell, S. A. (1983). *Relações de objeto na teoria psicanalítica*. Lisboa: Climepsi.
- Hazan, C. & Shaver, P. (1987). Romantic love conceptualized as an attachment process. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52(3), 511-524. Retrieved from <http://www2.psych.ubc.ca/~schaller/Psyc591Readings/HazanShaver1987.pdf>
- Hedges, L. E. (2012). *Making love last: creating and maintaining intimacy in long-term relationships*. Maryland: International Psychotherapy Institute.
- Hendrick, C. & Hendrick, S. (1986). A theory and method of love. *Journal of Personality and Social Psychology*, 50(2), 392-402. Retrieved from <http://www.confisus.co.uk/mindlabs/blackeyedsusan/Documents/Hendrick%20and%20Hendrick%20Love%20attitudes.pdf>
- Hendrick, S. S. & Hendrick, C. (1997). Love and satisfaction. In R. J. Sternberg & M. Hojjat (Eds.), *Satisfaction in close relationships* (pp. 56-78). New York: The Guilford Press.
- Hendrick, S. S., Hendrick, C. & Adler, N. L. (1988). Romantic relationships: love, satisfaction, and staying together. *Journal of Personality and Social Psychology*, 54(6), 980-988. doi:10.1037/0022-3514.54.6.980

- Holmes, J. (2001). *Narcisismo*. Coimbra: Almedina.
- Johnson, M. D. & Anderson, J. R. (2013). The longitudinal association of marital confidence, time spent together, and marital satisfaction. *Family Process*, 52(2), 244-256. doi:10.1111/j.1545-5300.2012.01417.x
- Kayser, K. & Rao, S. S. (2006). Process of disaffection in relationship breakdown. In M. A. Fine & J. H. Harvey (Eds.), *Handbook of divorce and relationship dissolution* (pp. 201-222). New York: Routledge.
- Klein, M. (1957). *Envy and gratitude*. New York: Basic Books.
- Kohut, H. (1971). *The analysis of the self*. New York: International Universities Press.
- Laurenceau, J.P., Barrett, L. F. & Pietromonaco, P. R. (1998). Intimacy as an interpersonal process: the importance of self-disclosure, partner disclosure, and perceived partner responsiveness in interpersonal exchanges. *Journal of Personality and Social Psychology*, 74(5), 1238-1251. Retrieved from <http://www.affective-science.org/pubs/1998/LaurenFBPI1998.pdf>
- Leone, C. (2008). Couple therapy from the perspective of self psychology and intersubjectivity theory. *Psychoanalytic Psychology*, 25(1), 79-98. doi: 10.1037/0736-9735.25.1.79
- Levenson, R.W., Carstensen, L. L. & Gottman, J. M. (1993). Long-term marriage: age, gender, and satisfaction. *Psychology and Aging*, 8(2), 301-313. Retrieved from <http://www.johngottman.net/wp-content/uploads/2011/05/Long-term-marriage-age-gender-and-satisfaction.pdf>
- Li, T. & Fung, H. H. (2011). The dynamic goal theory of marital satisfaction. *Review of General Psychology*, 15(3), 246-254. Retrieved from http://www.researchgate.net/profile/Helene_Fung/publication/232428896_The_dynamic_goal_theory_of_marital_satisfaction/links/0c96052fc765a3dc47000000.pdf
- Lichtenberg, J. D. (1991). *Psychoanalysis and infant research*. New York: Routledge.
- Maroco, J. & Garcia-Marques, T. (2006). Qual a fiabilidade do alfa de Cronbach? Questões antigas e soluções modernas? *Laboratório de Psicologia*, 4(1), 65-90. Retrieved from <http://publicacoes.ispa.pt/index.php/lp/article/viewFile/763/706>

- Martins, T. M. (2013). *Adult attachment and dyadic adjustment: the mediating role of shame* (Dissertação de mestrado, Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal). Retrieved from <http://hdl.handle.net/10316/25373>
- Matta, W. J. (2006). The mixture of unconscious forces and childhood wounds can be lethal to a marriage. In W. J. Matta (Ed.), *Relationship sabotage: unconscious factors that destroy couples, marriages, and family* (pp. 15-22). Westport, Connecticut: Praeger Publishers.
- Medina, L. C. (2004). *Relación entre estilos de comunicación, manejo de conflicto y satisfacción en la relación de pareja* (Dissertação, Universidad de las Américas Puebla, Puebla, México). Retrieved from http://catarina.udlap.mx/u_dl_a/tales/documentos/lps/carrillo_m_/capitulo1.pdf
- Mesquita, I. (2012). *Disfarces de amor – relacionamentos amorosos e vulnerabilidade narcísica* (Tese de Doutoramento não publicada, Universidade de Évora, Évora, Portugal).
- Mesquita, I. (2013). *Disfarces de amor: relacionamentos amorosos e vulnerabilidade narcísica*. Lisboa: Climepsi.
- Mikulincer, M., Florian, V., Cowan, P. & Cowan, C. (2002). Attachment security in couple relationships: a systemic model and its implications for family dynamics. *Family Process*, 41(3), 405-434. Retrieved from https://emotionallyfocusedtherapy.us/uploads/Attachment_Security_Mikulincer.pdf
- Mitchell, S. A. (1988). La metáfora del bebé. In S. A. Mitchell (Ed.), *Conceptos relacionales en el psicoanálisis: una integración* (pp. 151-177). Madrid: Siglo Veintiuno.
- Narciso, I. & Costa, M. E. (1996). Amores satisfeitos, mas não perfeitos. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 12, 115-130. Retrieved from <http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/15550/2/84570.pdf>
- O'Shaughnessy, E. (1981). A clinical study of a defensive organization. In E. B. Spillius (Ed.), *Melanie Klein today: developments in theory and practice* (Vol. 1, pp. 293-310). London and New York: Routledge.

- Person, E. S. (2007). Final thoughts: romantic love as an agent of change. In E. S. Person (Ed.), *Dreams of love and fateful encounters: the power of romantic passion* (pp. 325-330). Arlington: American Psychiatric Publishing.
- Pistole, M. C. (1995). Adult attachment style and narcissistic vulnerability. *Psychoanalytic Psychology, 12*(1), 115-126. doi:10.1037/h0079603
- Rank, O. (1941). *Beyond psychology*. New York: Dover.
- Regan, P. (2008). General theories of love. In P. Regan (Ed.), *The mating game: a primer on love, sex and marriage* (pp. 119-137). Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- Robles, T. F., Trombello, J. M., Slatcher, R. B. & McGinn, M. M. (2014). Marital quality and health: a meta-analytic review. *Psychological Bulletin, 140*(1), 140-187. doi:10.1037/a0031859
- Rubens, R. L. (1994). Fairbairn's structural theory. In J. S. Grotstein & D. B. Rinsley (Eds.), *Fairbairn and the origins of object relations* (pp. 151-173). New York: Guilford Press.
- Ruszczynski, S. (2005). Thinking about and working with couples. In S. Ruszczynski (Ed.), *Psychotherapy with couples: theory and practice at the Tavistock Institute of Marital Studies* (pp. 197-218). London: Karnac.
- Schmitt, D. P. (2006). Evolutionary and cross-cultural perspectives on love: the influence of gender, personality, and local ecology on emotional investment in romantic relationships. In R. J. Sternberg & K. Weis (Eds.), *The new psychology of love* (pp. 249-273). New Haven, CT: Yale University Press.
- Scott, C. (2006). Comentario del libro *Los contextos del ser: las bases intersubjetivas de la vida psíquica*, de R. D. Stolorow & G. E. Atwood. *Gaceta Universitaria: Temas y Controversias en Psiquiatría, 2*(4), pp. 370-374. Retrieved from http://www.revistagpu.cl/GPU_ejemplares/2006/vol2n4diciembre2006.pdf#page=20
- Shackelford, T. K. & Buss, D. M. (1997). Marital satisfaction in evolutionary psychological perspective. In R. J. Sternberg & M. Hojjat (Eds.), *Satisfaction in close relationships* (pp. 7-25). New York: The Gilford Press.

- Silva, C. L. (2008). *Caminhando entre passos nacionais e modernos: um olhar sobre a satisfação conjugal* (Dissertação de mestrado, Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal). Retrieved from http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/773/1/17171_Tese_Final.pdf
- Simpson, J. A. (1990). Influence of attachment styles on romantic relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 59(5), 971-980. doi:10.1037/0022-3514.59.5.971
- Socarides, D. D. & Stolorow, R. D. (2013). Afectos y objetos del Self. *Clínica e Investigación Relacional*, 7(1). Retrieved from [http://www.psicoterapiarelacional.es/Portals/0/eJournalCeIR/V7N1_2013/04_Socarides-Stolorow_2013_Afectos%20y%20objetos%20del%20Self%20\[1984\]_CeIR_V7N1.pdf](http://www.psicoterapiarelacional.es/Portals/0/eJournalCeIR/V7N1_2013/04_Socarides-Stolorow_2013_Afectos%20y%20objetos%20del%20Self%20[1984]_CeIR_V7N1.pdf)
- Stephenson, M. (2012). Finding Fairbairn: discovery and exploration of the work of Ronald Fairbairn. *Psychodynamic Practice*, 18(4), pp. 465-470.
- Sternberg, R. J. (1986). A triangular theory of love. *Psychology Review*, 93(2), 119-135. doi: 10.1037/0033-295X.93.2.119
- Sternberg, R. J. & Hojjat, M. (1997). *Satisfaction in close relationships*. New York: The Guilford Press.
- Stolorow, R. (1994). The intersubjective context of intrapsychic experience. In R. Stolorow, G. Atwood & B. Brandchaft (Eds.), *The intersubjective perspective* (pp. 3-14). Maryland: Rowman & Littlefield Publishers.
- Sutil, C. R. (2010). Reseña de la obra *La práctica de la psicoterapia relacional*, de Joan Coderch. *Clínica e Investigación Relacional*, 5(1). Retrieved from http://www.psicoterapiarelacional.es/Portals/0/eJournalCeIR/V5N1_2011/Review_Coderch_2010_CR_Sutil_CeIR_V5N1.pdf
- Teves, C. M. (2008). *Uma viagem entre satisfação e proximidade conjugais e aliança parental* (Dissertação de mestrado, Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal). Retrieved from http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/735/1/17395_Tese_de_Mestrado_Carolina_Teves.pdf

Wachelke, J. F., Andrade, A. L., Cruz, R. M., Faggiani, R. B. & Natividade, J. C. (2004).
Medida de satisfação em relacionamento de casal. *Psico-USF*, 9(1), 11-18.
Retrieved from <http://www.scielo.br/pdf/pusf/v9n1/v9n1a03.pdf>

Winnicott, D. W. (1960). The theory of the parent-infant relationship. *International Journal of Psycho-Analysis*, 41, pp. 585-595.

ANEXOS

ANEXO I
Caracterização da amostra

Quadro 1.

Distribuição dos Participantes por Sexo e Faixa Etária

Sexo	Faixa etária			Total
	30-39	40-49	50-55	
Masculino	16	15	7	38
Feminino	37	24	11	72
Total	53	39	18	110

Quadro 2.

Distribuição dos Participantes por Sexo e Nível de Escolaridade

Sexo	Nível de Escolaridade				
	Básico	Secund.	Bachar.	Licenc.	Mestrado
Masculino	6	22	4	3	3
Feminino	4	32	0	30	6
Total	10	54	4	33	9

Quadro 3.

Distribuição dos Participantes por Sexo e Tipo de relação

Sexo	Tipo de relação		Total
	Casado	União de Facto	
Masculino	24	14	38
Feminino	43	29	72
Total	67	43	110

Quadro 4.

Distribuição dos Participantes por Sexo e Duração da Relação

Sexo	Duração da relação (em anos)					Total
	1-4	5-10	11-15	16-20	>20	
Masculino	3	8	7	8	12	38
Feminino	10	20	13	10	19	72
Total	13	28	20	18	31	110

Quadro 5.

Distribuição dos Participantes por Sexo e Filhos

Sexo	Filhos		Total
	Sim	Não	
Masculino	28	10	38
Feminino	52	20	72
Total	80	30	110

Quadro 6.

Distribuição dos Participantes por Sexo e Idade dos Filhos

Sexo	(Não tem filhos)	Idade dos Filhos (em anos)					Total
		1-5	6-11	12-16	17-22	>=23	
Masculino	10	2	9	6	4	7	38
Feminino	20	6	15	8	9	14	72
Total	30	8	24	14	13	21	110

Quadro 7.

Distribuição dos Participantes por Sexo e Número de Filhos

Sexo	Número de Filhos					Total
	0	1	2	3	4	
Masculino	10	13	11	3	1	38
Feminino	20	29	18	4	1	72
Total	30	42	29	7	2	110

Quadro 8.

Distribuição dos Participantes por Sexo e Filhos a Viver em Casa

Sexo	Filhos a Viver em Casa			Total
	(Não tem filhos)	Sim	Não	
Masculino	9	27	2	38
Feminino	20	48	4	72
Total	29	75	6	110

ANEXO II
Protocolo de Investigação



Colaboração para Investigação

Gostaria de pedir a sua colaboração para participar numa investigação para uma dissertação de mestrado sobre satisfação com a relação amorosa. Para tal, responderá aos questionários anexados.

Deverá responder aos mesmos pela ordem apresentada. Após terminar de preencher um questionário e iniciar o outro, não deverá voltar ao questionário anterior.

Leia as instruções de cada um deles e não hesite em perguntar caso lhe surja alguma dúvida. Por favor, seja sincero nas suas respostas, as quais são anónimas. Não escreva o seu nome em nenhuma das folhas, apenas os dados que lhe serão solicitados na primeira folha do protocolo.

Responda com calma e de forma cuidada. Cada um dos questionários não exigirá muito tempo para responder. Após acabar de responder a todos os questionários, por favor, coloque o protocolo dentro do envelope que lhe será entregue.

Se concorda e aceita participar, por favor rubrique abaixo, começando a responder quando lhe forem distribuídos os questionários.

Tomei conhecimento das condições desta investigação e aceito participar:

Data: ___/___/____

Rúbrica: _____

Muito obrigada pela sua colaboração!

A mestranda:

Daniela Rodrigues

A orientadora:

Professora Doutora Isabel Mesquita



Dados sociodemográficos

Leia atentamente e preencha algumas informações pessoais, as quais não serão divulgadas e têm como finalidade exclusiva a investigação.

Sexo: M F **Idade:** _____

Escolaridade: Ensino Básico Secundário Bacharelato

Licenciatura Mestrado Doutoramento

Profissão: _____

Classifique a sua relação amorosa atual:

Casamento União de facto Outra

Qual a duração aproximada da sua relação? _____

É a sua primeira relação amorosa? Sim Não

Teve, anteriormente outro casamento ou viveu em união de facto?

Sim Não

Tem filhos? Sim Não

Se respondeu “Sim”:

Indique as suas idades: _____

Estão a viver consigo e com o seu cônjuge ou companheiro/a?

Sim Não

Inventário de Tipos de Relacionamento Amoroso

Este inventário foi construído para uma investigação que tem como objetivo principal conhecer diferentes tipos de relacionamento amoroso.

Leia atentamente cada afirmação e responda com sinceridade assinalando na escala o valor que melhor o caracteriza, tendo sempre em mente o seu comportamento num relacionamento amoroso.

Caso não tenha atualmente nenhum relacionamento amoroso, pense no último que teve, caso nunca tenha tido, imagine como será o seu comportamento.

1. A minha/meu companheira/o não é o principal da minha vida.

Pouco típico no meu comportamento

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

Muito típico no meu comportamento

2. Aflige-me a ideia de que o/a meu/minha companheiro/a não queira estar mais comigo.

Pouco típico no meu comportamento

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

Muito típico no meu comportamento

3. As minhas relações amorosas não podem ser nem muito próximas nem muito distantes.

Pouco típico no meu comportamento

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

Muito típico no meu comportamento

4. Penso sempre que as relações amorosas raramente são boas.

Pouco típico no meu comportamento

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

Muito típico no meu comportamento

5. Sei que até o/a meu/minha companheiro/a tem inveja de mim.

Pouco típico no meu comportamento

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

Muito típico no meu comportamento

6. Chamo sempre a atenção dos erros do/a meu/minha companheiro/a.

Pouco típico no meu comportamento

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

Muito típico no meu comportamento

7. Desiludo-me frequentemente com as relações amorosas.

Pouco típico no meu comportamento

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

Muito típico no meu comportamento

8. Acho difícil o/a meu/minha companheiro/a encontrar-me defeitos.

Pouco típico no meu comportamento

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

Muito típico no meu comportamento

9. É frequente eu saltar de uma relação amorosa para outra.

Pouco típico no meu comportamento

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

Muito típico no meu comportamento

10. É importante para mim que o/a meu/minha companheiro/a pense em mim em primeiro lugar.

Pouco típico no meu comportamento

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

Muito típico no meu comportamento

11. É-me indiferente quando a/o minha/meu companheira/o não está disponível.

Pouco típico no meu comportamento

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

Muito típico no meu comportamento

12. Sinto-me muito melhor sem ninguém.

Pouco típico no meu comportamento

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

Muito típico no meu comportamento

13. Estou sempre disposto/a a sacrificar o que eu quero em benefício do/a meu/minha companheiro/a.

Pouco típico no meu comportamento

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

Muito típico no meu comportamento

14. Eu e o/a meu/minha parceiro/a somos como um só.

Pouco típico no meu comportamento

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

Muito típico no meu comportamento

15. Eu e o/a meu/minha parceiro/a somos iguais na maioria dos aspectos.

Pouco típico no meu comportamento

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

Muito típico no meu comportamento

16. Eu gostava de ser como o/a meu/minha companheiro/a.

Pouco típico no meu comportamento

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

Muito típico no meu comportamento

17. Existem aspectos da minha vida muito mais importantes do que a minha relação amorosa.

Pouco típico no meu comportamento

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

Muito típico no meu comportamento

18. Gosto de desfrutar “jogos de sedução” com várias pessoas ao mesmo tempo.

Pouco típico no meu comportamento

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

Muito típico no meu comportamento

19. Gosto de levar o/a meu/minha companheiro/a a satisfazer os meus desejos em primeiro lugar.

Pouco típico no meu comportamento

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

Muito típico no meu comportamento

20. Na minha relação amorosa gosto de sentir que domino.

Pouco típico no meu comportamento

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

Muito típico no meu comportamento

21. Na minha relação, sou sempre eu que invisto mais.

Pouco típico no meu comportamento

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

Muito típico no meu comportamento

22. Na minha vida, as relações amorosas estão em último plano.

Pouco típico no meu comportamento

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

Muito típico no meu comportamento

23. Não gosto de ter relações nem muito sérias nem muito intensas.

Pouco típico no meu comportamento

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

Muito típico no meu comportamento

24. Não gosto que o/a meu/minha companheiro tenha qualidades superiores às minhas.

Pouco típico no meu comportamento

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

Muito típico no meu comportamento

25. Não necessito de partilhar a minha vida com o/a meu/minha companheiro/a.

Pouco típico no meu comportamento

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

Muito típico no meu comportamento

26. Não quero que o/a meu/minha companheiro/a tenha muitas certezas sobre os meus sentimentos em relação a ele/a.

Pouco típico no meu

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

Muito típico no meu

comportamento

comportamento

27. Não sei o que faço da minha vida se a relação terminar.

Pouco típico no
meu
comportamento

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

Muito típico no
meu
comportamento

28. Nos meus relacionamentos amorosos considero-me sempre superior, pessoal e profissionalmente, ao meu/minha companheiro/a.

Pouco típico no
meu
comportamento

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

Muito típico no
meu
comportamento

29. O meu desejo de proximidade afasta o/a meu/minha companheiro/a.

Pouco típico no
meu
comportamento

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

Muito típico no
meu
comportamento

30. O que eu sou depende muito da/o minha/meu companheira/o.

Pouco típico no
meu
comportamento

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

Muito típico no
meu
comportamento

31. O/a meu/minha companheiro/a tem de estar disponível quando eu quero.

Pouco típico no
meu
comportamento

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

Muito típico no
meu
comportamento

32. Para mim, numa relação, é mais importante ser admirado pelo/a companheiro/a do que admirá-lo/a.

Pouco típico no
meu
comportamento

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

Muito típico no
meu
comportamento

33. Para nos entendermos a/o minha/meu companheira/o tem de se comportar como eu gosto.

Pouco típico no meu comportamento

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

Muito típico no meu comportamento

34. Preocupo-me muito com os sentimentos do/a meu/minha companheiro/a.

Pouco típico no meu comportamento

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

Muito típico no meu comportamento

35. Quando estamos em grupo, tenho de sobressair mais do que o/a meu/minha companheiro/a.

Pouco típico no meu comportamento

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

Muito típico no meu comportamento

36. Quando não estou envolvido/a amorosamente com alguém, sinto-me mais eu próprio.

Pouco típico no meu comportamento

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

Muito típico no meu comportamento

37. Quando não preciso do/a meu/minha companheiro/a para resolver problemas meus, sinto-me mais independente.

Pouco típico no meu comportamento

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

Muito típico no meu comportamento

38. Quando o/a meu/minha companheiro/a começa a depender muito de mim, eu afasto-me.

Pouco típico no meu comportamento

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

Muito típico no meu comportamento

39. Quando tenho uma relação amorosa sinto-me mais confuso/a acerca das minhas ideias e valores.

Pouco típico no meu

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

Muito típico no meu

comportamento

comportamento

40. Receio que se eu não for como o/a meu companheiro/a deseja, ele/a deixe de gostar de mim.

Pouco típico no meu comportamento

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

Muito típico no meu comportamento

41. Recorro sempre ao meu/minha parceiro/a para resolver os meus problemas.

Pouco típico no meu comportamento

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

Muito típico no meu comportamento

42. Se a minha relação amorosa terminar, envolvo-me rapidamente com outra pessoa.

Pouco típico no meu comportamento

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

Muito típico no meu comportamento

43. Sei que quando as minhas relações amorosas terminam é sempre por culpa minha.

Pouco típico no meu comportamento

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

Muito típico no meu comportamento

44. Sinto-me mais ansioso quando o/a meu/minha parceiro/a quer estar muito próximo.

Pouco típico no meu comportamento

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

Muito típico no meu comportamento

45. Sinto-me mais importante quando o/a meu/minha companheiro/a tem uma boa posição social.

Pouco típico no meu comportamento

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

Muito típico no meu comportamento

46. Sinto-me muito mais abatida/o e triste quando não tenho um companheiro/a.

Pouco típico no meu comportamento

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

Muito típico no meu comportamento

47. Sinto-me vaidoso/a com o meu desempenho sexual.

Pouco típico no meu comportamento

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

Muito típico no meu comportamento

48. Sou eu quem termina as minhas relações amorosas.

Pouco típico no meu comportamento

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

Muito típico no meu comportamento

49. Sou superior à/ao minha/meu companheira/o.

Pouco típico no meu comportamento

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

Muito típico no meu comportamento

50. Tenho muito mais força para conseguir o que quero quando tenho o/a meu companheiro/a por perto.

Pouco típico no meu comportamento

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

Muito típico no meu comportamento

51. Tenho muito receio de perder o amor do/a meu companheiro/a.

Pouco típico no meu comportamento

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

Muito típico no meu comportamento

52. Tenho receio que se me der a conhecer o suficiente, o/a meu/minha companheiro/a possa não gostar de mim.

Pouco típico no meu comportamento

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

Muito típico no meu comportamento

53. Ter um relacionamento amoroso não altera nada na minha vida.

*Pouco típico no
meu
comportamento*

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

*Muito típico no
meu
comportamento*

Escala de Avaliação da Satisfação em Áreas da Vida Conjugal

Pense na sua relação conjugal. Utilize a seguinte escala de modo a expressar o que sente relativamente a cada afirmação: **1 – Nada satisfeito(a) 2- Pouco satisfeito(a) 3- Razoavelmente satisfeito(a) 4- Satisfeito(a) 5- Muito satisfeito(a) 6- Completamente satisfeito(a)**. Para cada um dos itens, deverá escolher a afirmação da escala que melhor descreve o que sente, rodeando o número correspondente com um círculo.

		Nada satisfeito/a	Pouco Satisfeito/a	Razoavelment e Satisfeito/a	Satisfeito/a	Muito satisfeito/a	Completa mente satisfeito/a
1	O modo como gerimos a nossa situação financeira.	1	2	3	4	5	6
2	A distribuição de tarefas domésticas.	1	2	3	4	5	6
3	O modo como tomamos decisões.	1	2	3	4	5	6
4	A distribuição das responsabilidades.	1	2	3	4	5	6
5	O modo como passamos os tempos livres.	1	2	3	4	5	6
6	A quantidade de tempos livres.	1	2	3	4	5	6
7	O modo como nos relacionamos com os amigos.	1	2	3	4	5	6
8	O modo como nos relacionamos com a família do(a) meu (minha) companheiro (a).	1	2	3	4	5	6
9	O modo como nos relacionamos com a minha família.	1	2	3	4	5	6
10	A minha privacidade e autonomia.	1	2	3	4	5	6
11	A privacidade e autonomia do(a) meu (minha) companheiro (a).	1	2	3	4	5	6
12	A nossa relação com a minha profissão.	1	2	3	4	5	6
13	A nossa relação com a profissão do(a) meu (minha) companheiro (a).	1	2	3	4	5	6
14	A frequência com que conversamos.	1	2	3	4	5	6
15	O modo como conversamos.	1	2	3	4	5	6
16	Os assuntos sobre os quais conversamos.	1	2	3	4	5	6

17	A frequência dos conflitos que temos.	1	2	3	4	5	6
18	O modo como resolvemos os conflitos.	1	2	3	4	5	6
19	O que sinto pelo (a) meu (minha) companheiro (a).	1	2	3	4	5	6
20	O que o meu (minha) companheiro (a) sente por mim.	1	2	3	4	5	6
21	O modo com expresso o que sinto pelo(a) meu (minha) companheiro (a).	1	2	3	4	5	6

	Nada Satisfeito/a	Pouco Satisfeito/a	Razoavelmente Satisfeito/a	Satisfeito/a	Muito satisfeito/a	Completament e Satisfeito/a	
22	O modo como o(a) meu (minha) companheiro (a) expressa o que sente por mim.	1	2	3	4	5	6
23	O desejo sexual que sinto pelo(a) meu (minha) companheiro (a)	1	2	3	4	5	6
24	O desejo sexual que o(a) meu (minha) companheiro (a) sente por mim.	1	2	3	4	5	6
25	A frequência com que temos relações sexuais.	1	2	3	4	5	6
26	O prazer que sinto quando temos relações sexuais.	1	2	3	4	5	6
27	O prazer que o(a) meu (minha) companheiro (a) sente quando temos relações sexuais.	1	2	3	4	5	6
28	A qualidade das nossas relações sexuais.	1	2	3	4	5	6
29	O apoio emocional que dou ao (à) meu (minha) companheiro (a).	1	2	3	4	5	6
30	O apoio emocional que o(a) meu (minha) companheiro (a) me dá.	1	2	3	4	5	6
31	A confiança que tenho no (na) meu (minha) companheiro (a).	1	2	3	4	5	6
32	A confiança que o(a) meu (minha) companheiro (a) tem em mim.	1	2	3	4	5	6
33	A admiração que sinto pelo (a) meu (minha) companheiro (a).	1	2	3	4	5	6
34	A admiração que o (a) meu (minha) companheiro (a) sente por mim.	1	2	3	4	5	6
35	A partilha de interesses e actividades.	1	2	3	4	5	6
36	A atenção que dedico aos interesses do(a) meu (minha) companheiro (a).	1	2	3	4	5	6
37	A atenção que o(a) meu (minha) companheiro (a) dedica aos meus interesses.	1	2	3	4	5	6

38	Os nossos projectos para o futuro.	1	2	3	4	5	6
39	As minhas expectativas quanto ao futuro da nossa relação.	1	2	3	4	5	6
40	As expectativas do(a) meu (minha) companheiro (a) quanto ao futuro da nossa relação.	1	2	3	4	5	6
41	O aspecto físico do(a) meu (minha) companheiro (a).	1	2	3	4	5	6
42	A opinião que o/a meu (minha) companheiro (a) tem sobre o meu aspecto físico.	1	2	3	4	5	6
43	As características e hábitos do(a) meu (minha) companheiro (a).	1	2	3	4	5	6
44	A opinião que o(a) meu (minha) companheiro (a) tem sobre as minhas características e hábitos.	1	2	3	4	5	6

Procedimento de Avaliação do *Self*

Num tempo máximo de 5 minutos utilize esta folha para

Descrever-se a si próprio